

FAO
ARTES **an**al

ano VI . especial

FALO artesANAL é uma edição especial da FALO®.

ISSN 2675-018X

versão 19.10.23

editor-chefe: Filipe Chagas
edição, redação e design: Filipe Chagas
corpo editorial: Dr. Alcemar Maia Souto,
Guilherme Correa e Rígle Guimarães.
site: Pedro Muraki

capa: Cucentrico 4, arte digital de Rodrigo Peçanha, 2022.

Zelo e técnica foram empregados na edição desta revista. Ainda assim, podem ocorrer erros de digitação ou dúvida conceitual. Em qualquer caso, solicitamos a comunicação (falonart@gmail.com) para que possamos verificar, esclarecer ou encaminhar a questão.

Nota do editor sobre nudez:

Por favor, entenda que esta publicação é sobre a representação da masculinidade na Arte. Há, portanto, imagens de nus masculinos, incluindo imagens de genitália masculina. Consulte com precaução caso sintá-se ofendido.

Direitos e Comprometimento:

Esta revista está comprometida com artistas que possuem direitos autorais de seu próprio trabalho. Todos os direitos estão reservados e, portanto, nenhuma parte desta revista pode ser reproduzida de forma mecânica ou digital sem autorização prévia por escrito do artista.

Temos o cuidado de garantir que as imagens usadas nesta publicação tenham sido fornecidas pelos criadores com permissão de direitos autorais ou sejam livres de direitos autorais ou sejam usadas no protocolo de "uso justo" compartilhado pela internet (imagens em baixa resolução, atribuída a seu criador, sem fins lucrativos e usada apenas para ilustrar um artigo ou história relevante).

Se, no entanto, houve uso injusto e/ou direitos autorais violados, entre em contato através do e-mail falonart@gmail.com e procederemos da melhor forma possível.

Submissões:

Caso haja o interesse de participar da revista seja como artista, modelo ou jornalista, entre em contato através do e-mail falonart@gmail.com.

FC DESIGN
R. Mario Portela 161/1603 C, Laranjeiras
Rio de Janeiro – RJ 22241-000



Editorial

Estava eu flanando por uma exposição de arte erótica no Rio de Janeiro – uma raridade! – quando vejo uma espectadora branca cis 60+ apontar para uma obra com nu masculino (ou seja, com um pinto aparecendo) e dizer “isso eu até entendo”, para depois apontar para uma obra com um cu em destaque (ao lado) e dizer “mas isso não é arte”. Imediatamente veio na minha cabeça duas coisas: (1) quem seria aquela pessoa tão abalizada para definir o que é ou não arte, e (2) como eu falei na edição ANUAL de 2020, o cu realmente é O MAIOR TABU que temos na sociedade, mais até do que o falo.

Para a tal edição especial de 2020, eu dividi a editoria com dois artistas que trabalham com a temática – Chris, The Red e Bruno Novadvorski (autor da obra ao lado, criticada pela tal mulher) – para discutirmos o assunto através de textos acadêmicos, poesias, ensaios fotográficos e outras linguagens artísticas. Dessa vez, o foco é principalmente o visual. É puramente a representação gráfica do cu, algo negligenciado, ou melhor, inexistente na História da Arte ocidental.

Pintura, arte digital, bordado, fotografia... na mesma linha de pensamento de visibilizar a nudez masculina para torná-la o que ela realmente é, comum, essa edição traz 35 artistas que visibilizam o cu para que a gente não se esqueça que ele existe. E lembro: mesmo que aqui a nudez do homem cis prevaleça, independente de gênero ou orientação sexual, **TODO MUNDO TEM CU!** O fato de uns usarem mais do que os outros para funções diversas não dá um atestado de propriedade.

Por uma representatividade do cu!

Filipe Chagas, editor-chefe

AGRADECIMENTOS
Alberto Escobar,
Edilberto Sobrinho,
Igor Yermakov e
Sigilosah.

Praça da
Bandeira,
fotografia
de Bruno
Novadvorski,
2022.



I was strolling through an erotic art exhibition in Rio de Janeiro – a rarity! – when I see a cis white 60+ woman point to a work with a male nude (with a dick showing) and say “I understand that”, and then point to a work with a highlighted ass (above) and say “but that’s not art”. Two things immediately came to my mind: (1) who would be that person so authoritative to define what is or is not art, and (2) as I said in the 2020 ANUAL edition, the hole really is THE BIGGEST TABOO we have in society, even more than the phallus.

For this special 2020 edition, I shared the editorship with two artists who work with the theme – Chris, The Red and Bruno Novadvorski (author of the work criticized by that woman) – to discuss the subject through academic texts, poetry, photoshoots and other artistic languages. This time, the focus is mainly on the visuals. It is purely the graphic representation of the hole, something neglected, or rather, non-existent in the History of Western Art.

Painting, digital art, embroidery, photography... in the same line of

thought of making male nudity visible to make it what it really is, common, this edition features 35 artists who make the hole visible so that we don’t forget that it exists. And remember: even though cis men’s nudity prevails here, regardless of gender or sexual orientation, EVERYONE HAS A HOLE! The fact that some use more than others for different functions does not provide proof of ownership.

For a representation of the hole!

Filipe Chagas



Amor Perfeito

Eles vieram em barcos
Alguns desceram,
Outros ficaram parados,
A bordo,
Observando de longe
É assim todo dia,
Desde que me tenho por gente
Eles atracam,
Exploram
Escavam,
Devastam
E partem
De volta pra Penélope,
Telêmaco,
Helenas, fantasmas de
Pátroclos em casa

O que realmente se esconde
No fundo de tudo, entre
Minhas pernas,
Na base de mim?
Quando você me tem eu sinto
O peso do mundo inteiro
Me arrastando pra baixo,
Como Johnny Depp
E Freddy Krueger
Um dia ainda vou sumir
Por dentre esses seus lençóis
E da cratera restante na cama uma
erupção de sangue,
Matéria negra,
Todo dejeto invisível
Da todo homem e
Todo menino
Emergirá num jato só
Das covas fundas da história
(E da realidade)
Pra manchar pra sempre o
Teto azul claro
Desse quartinho mofado
Nos fundos da casa de seus pais

Na verdade, amado,
Quando você me tem
Eu nunca afundo de verdade
Sou eu o buraco
E o que eu sinto você sublima
E eu sei de tudo que você não sabe
E eu vejo tudo que você não vê
E eu aceito tudo que você nega
E eu existo em tudo que não admite,
Julga
Inexistente, incompreensível
E quanto mais me fere,
Quanto mais me machuca,
Mais enfraquece
Força com o punho
Minha rosa vermelha a desabrochar
Me enforca
E continua fraco

Um dia,
Quando cansar,
Vou descansar o corpo
Na bancada da cozinha
Abaixar as calças,
Pedir que me empale
Com o corpo, depois
Enfie uma faca
E enquanto me apunhala,
Metendo fundo, soltando
Lágrimas
Fecharei os olhos
E soltarei gargalhadas...
Porque quando eu o tenho
Dentro de mim, amado,
Eu não afundo,
Nunca nem saio do lugar
Dentro de mim,
– Fora também, amado –
Sou sempre eu o buraco
Sempre eu, sempre eu

Buraco, buraco, buraco...

Pedro Minet

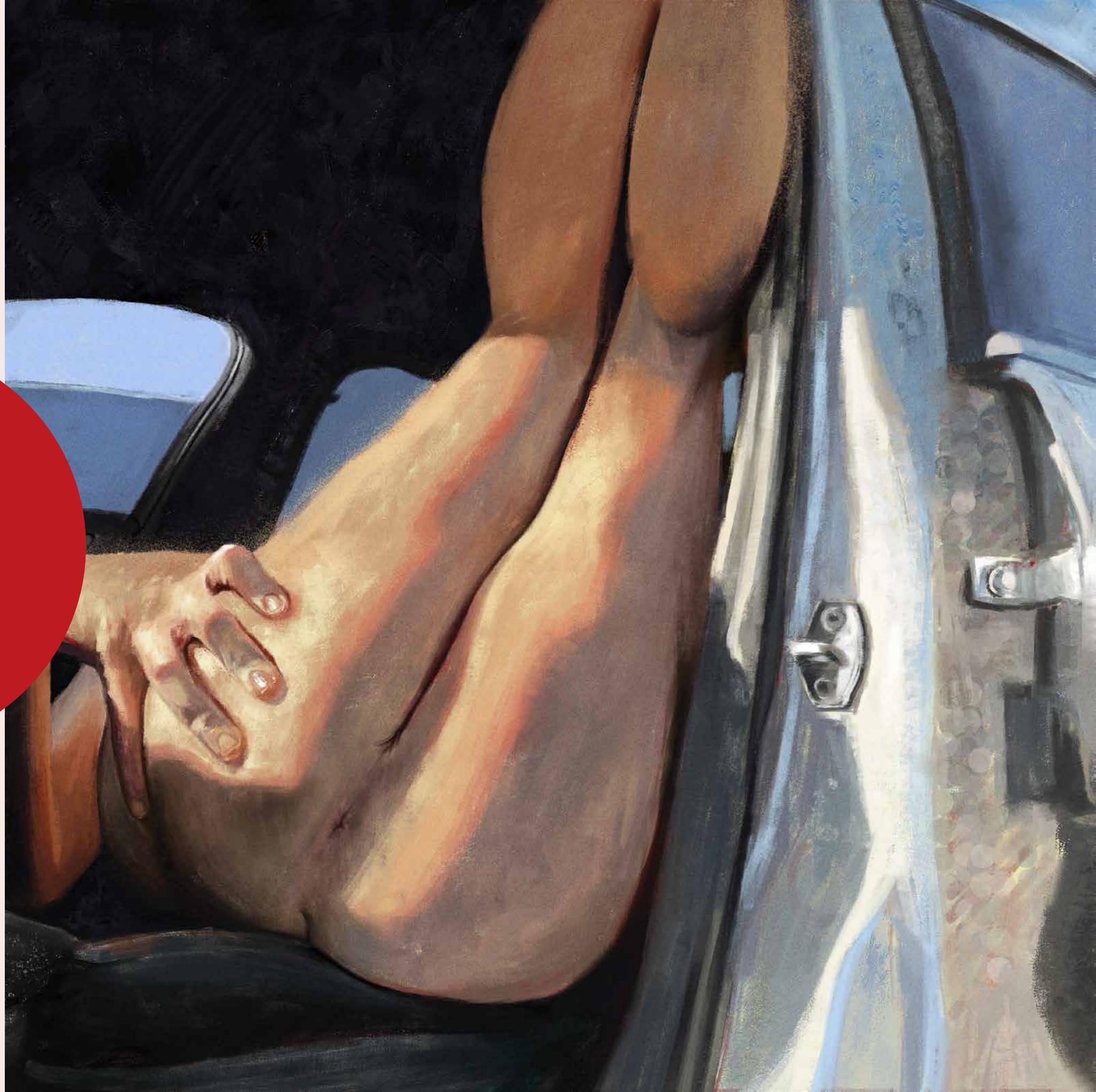
Brasil // Brasil
2023





A New Identity

No carro // In the car
pintura digital // digital painting
Brasil // Brazil
2023





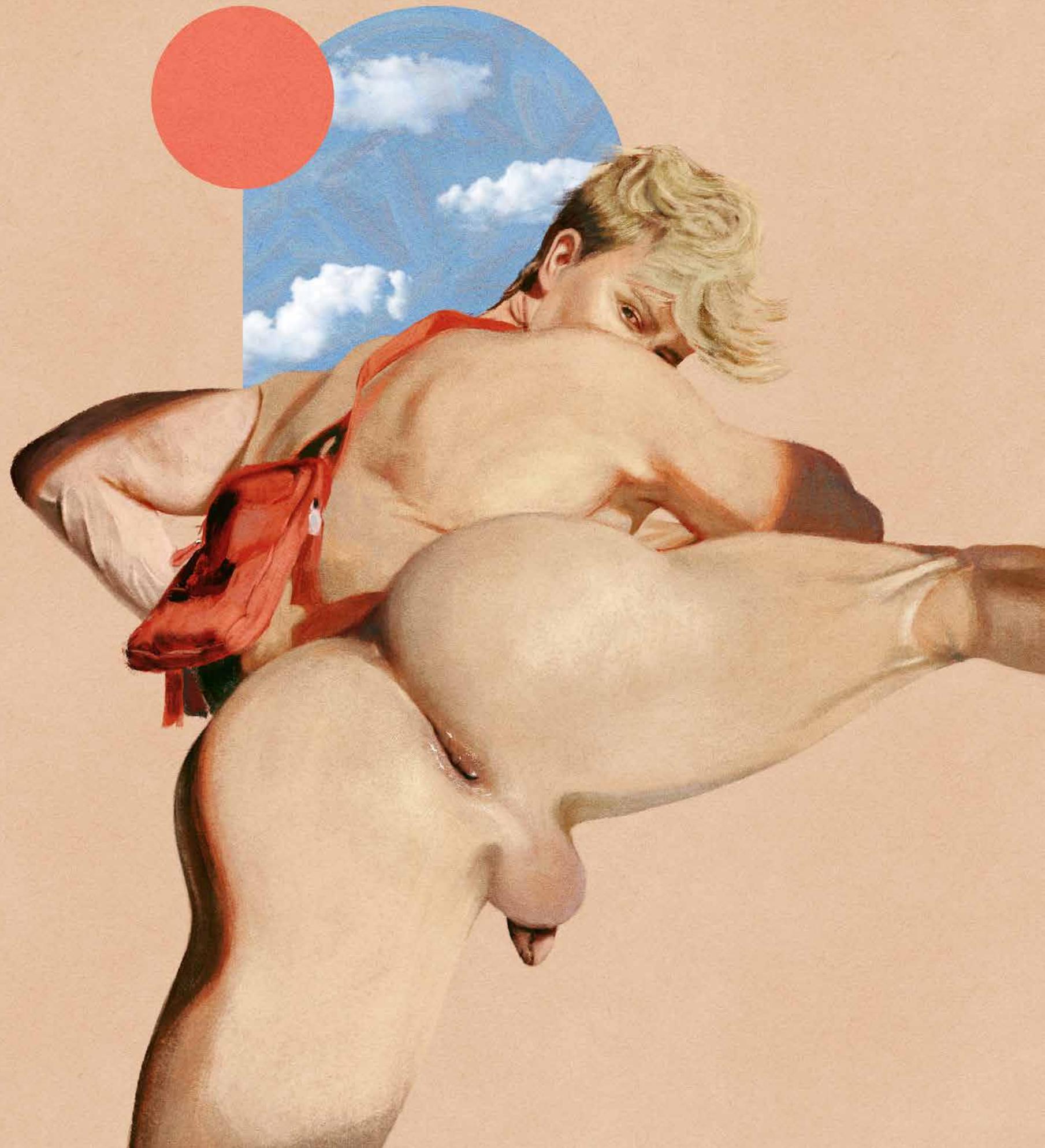
A New Identity

Nikita

pintura digital // digital painting

Brasil // Brazil

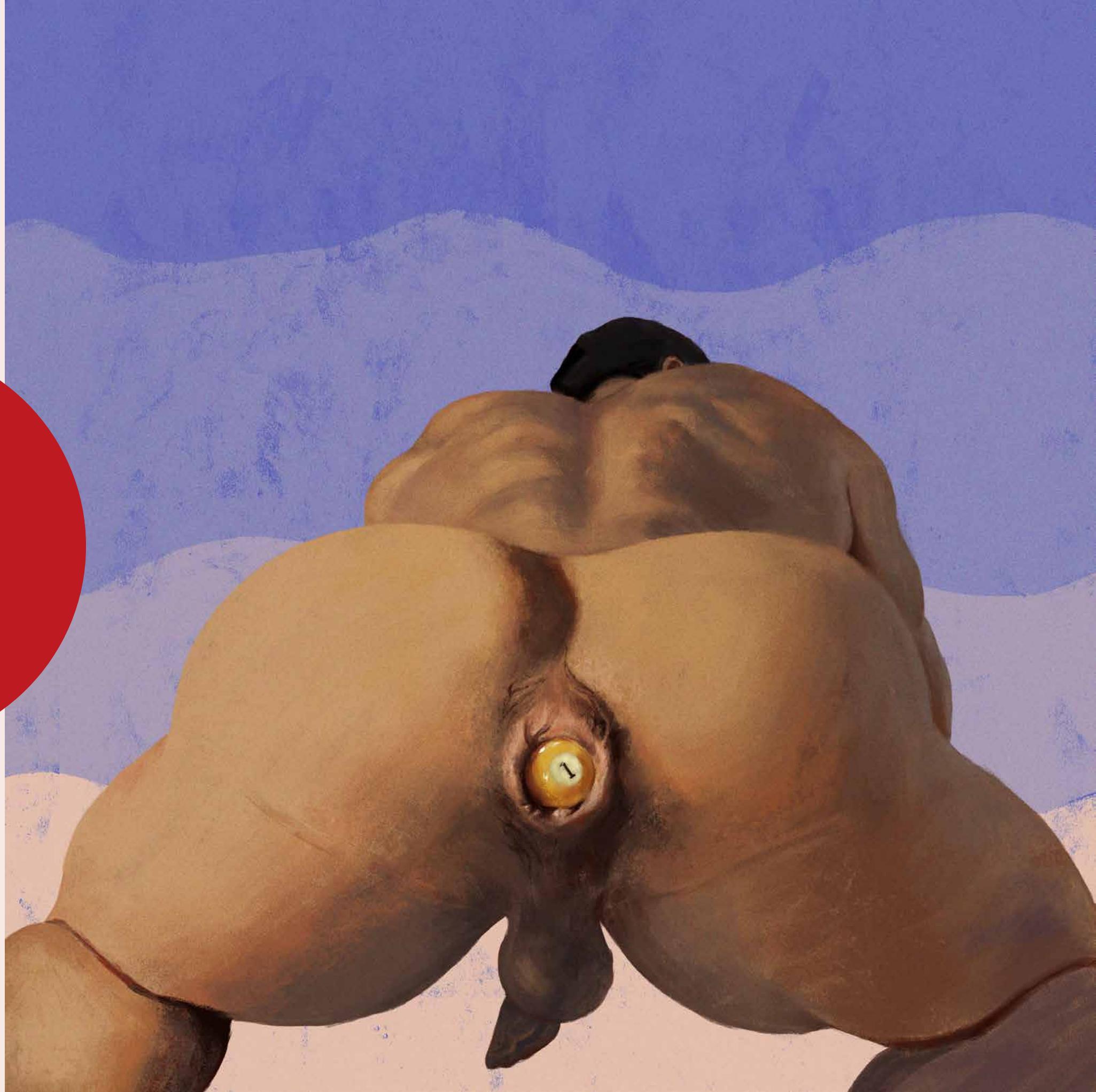
2023





A New Identity

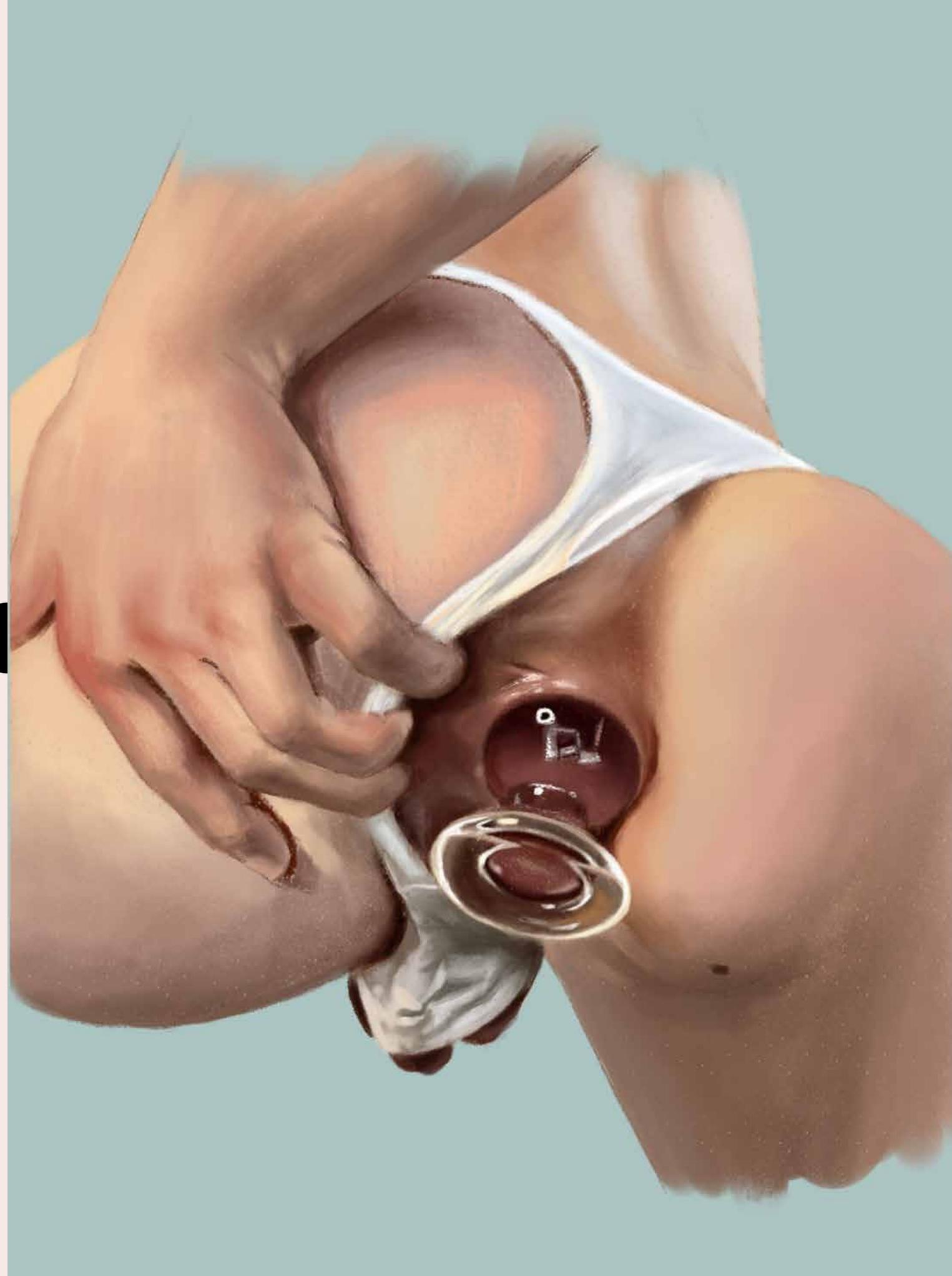
Número um // Number one
pintura digital // digital painting
Brasil // Brazil
2023





A New Identity

Brincando // Playing
pintura digital // digital painting
Brasil // Brazil
2021





Alberto Escobar

Quando o diabo era jovem //
When the devil was young
óleo sobre papel // oil on paper
Brasil // Brazil
2023





Alberto Escobar

Let's get physical
óleo sobre tela // oil on canvas
Brasil // Brazil
2023





Alejandro Monroy Trejo

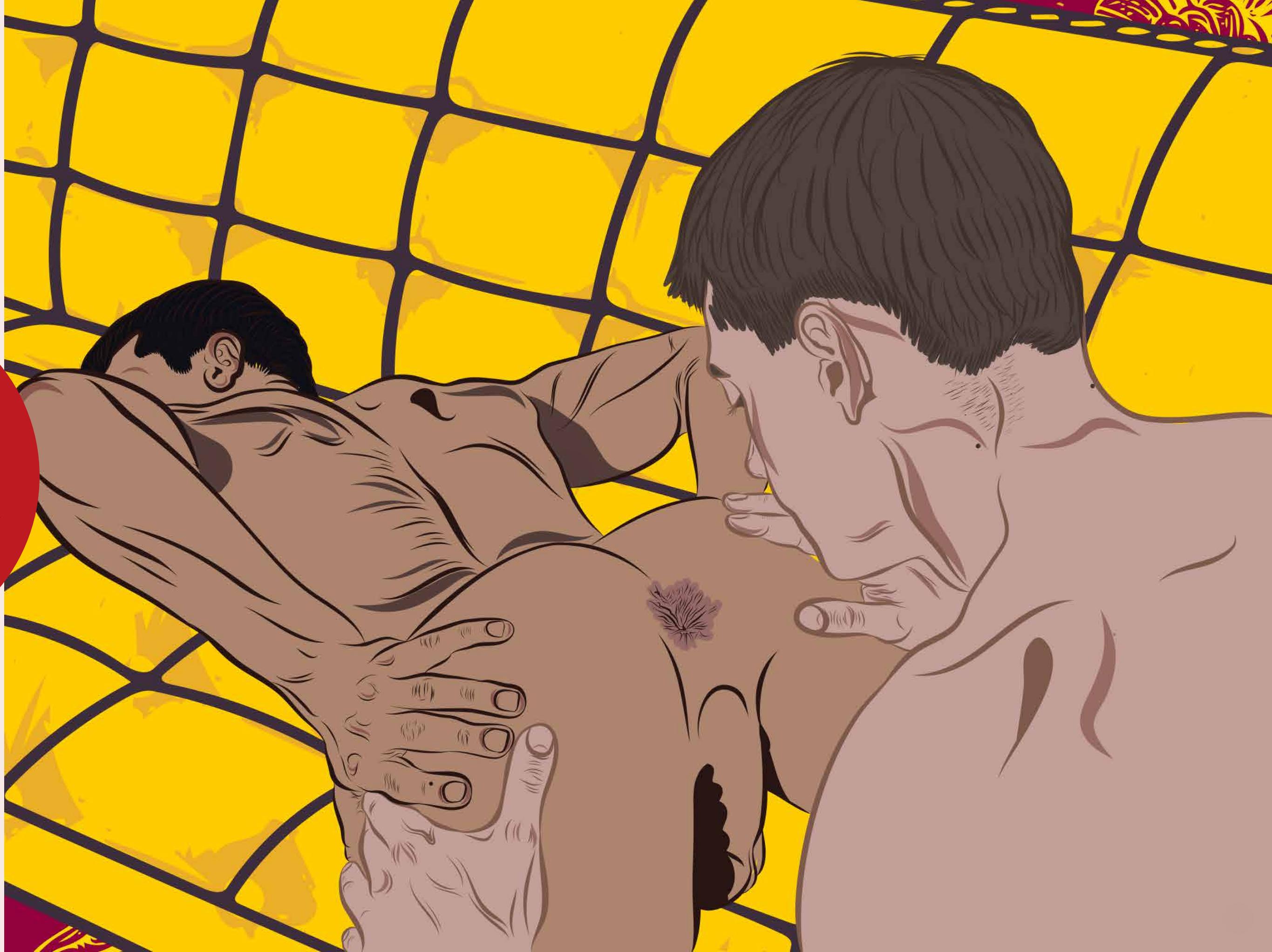
O castigo // The punishment
ilustração digital // digital illustration
México // Mexico
2021

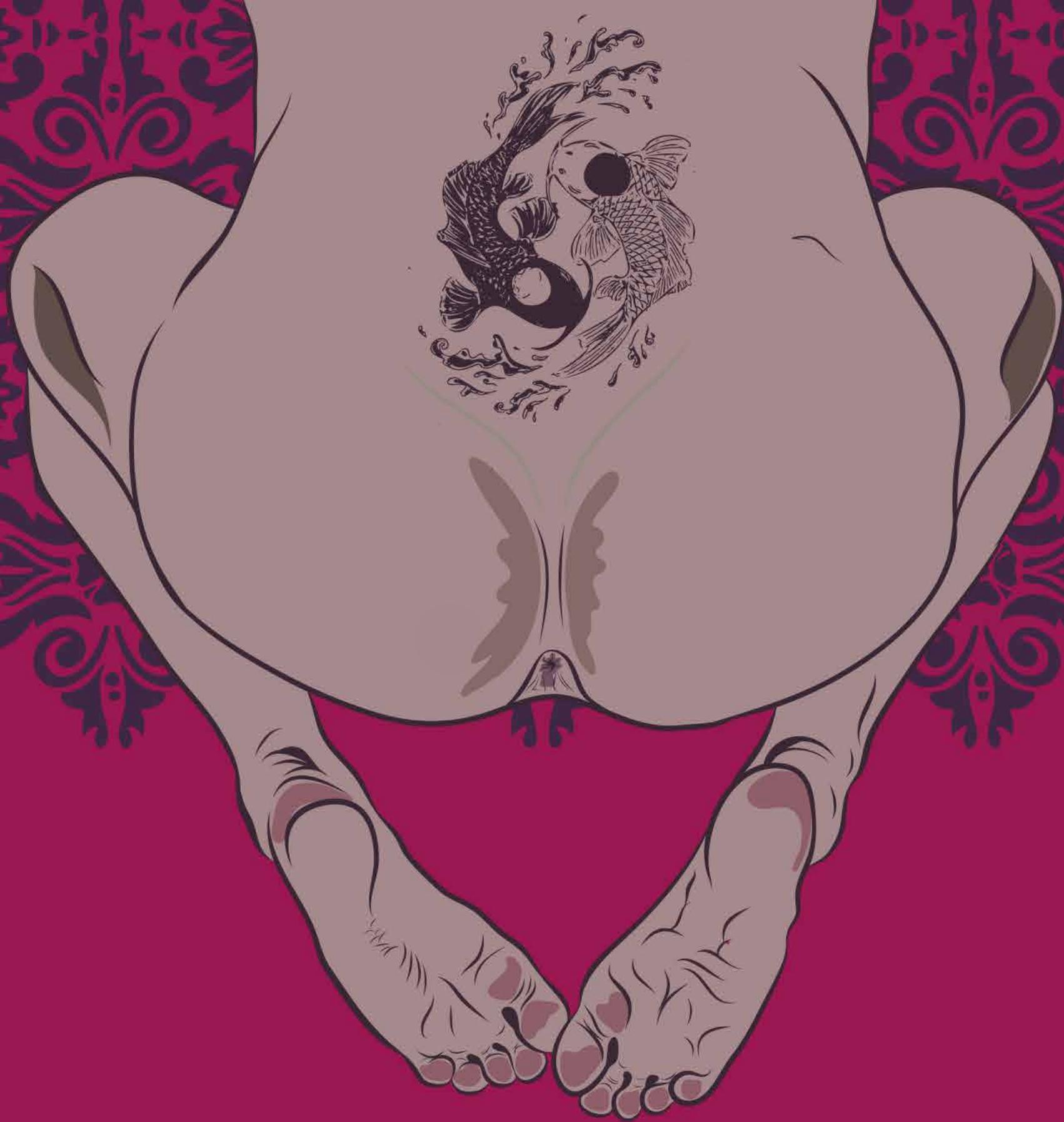




Alejandro
Monroy
Trejo

Contemplação //
Contemplation
ilustração digital //
digital illustration
México // Mexico
2021





Alejandro
Monroy
Trejo

Equilibrio //
Balance
ilustração digital //
digital illustration
México // Mexico
2021



Alexis Vera

Mark

grafite e acrílica sobre papel // *graphite and
acrylics on paper*
Espanha // *Spain*
2022



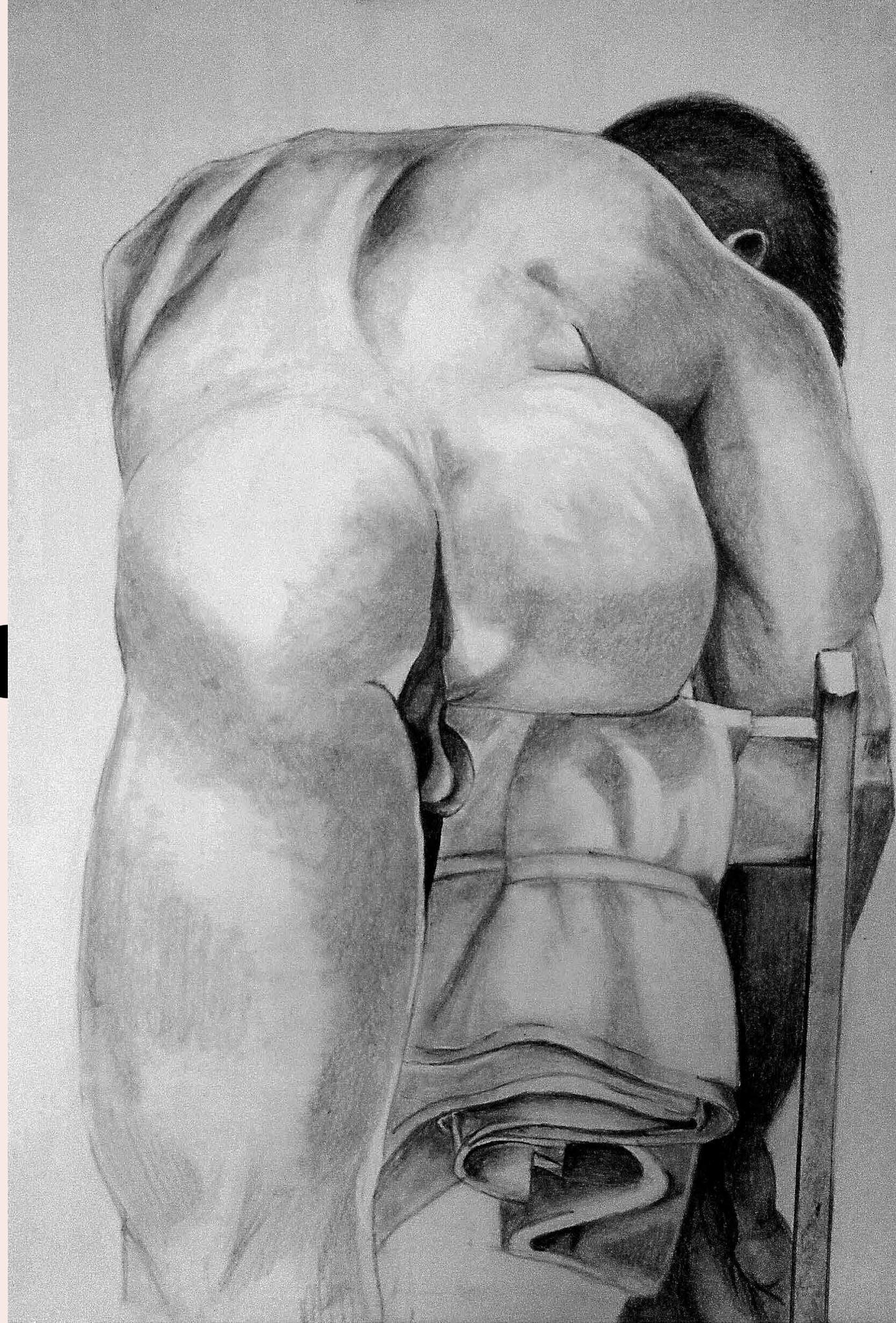
www





Alexis Vera

Depois do banho // After the shower
grafite sobre papel // graphite on paper
Espanha // Spain
2021





Alexis Vera

Na cama // In bed
grafite e acrílica sobre papel // graphite and
acrylics on paper
Espanha // Spain
2022





Booth Griegs

Força emocional // Emotional strenght
arte digital // digital art
Canadá // Canada
2023





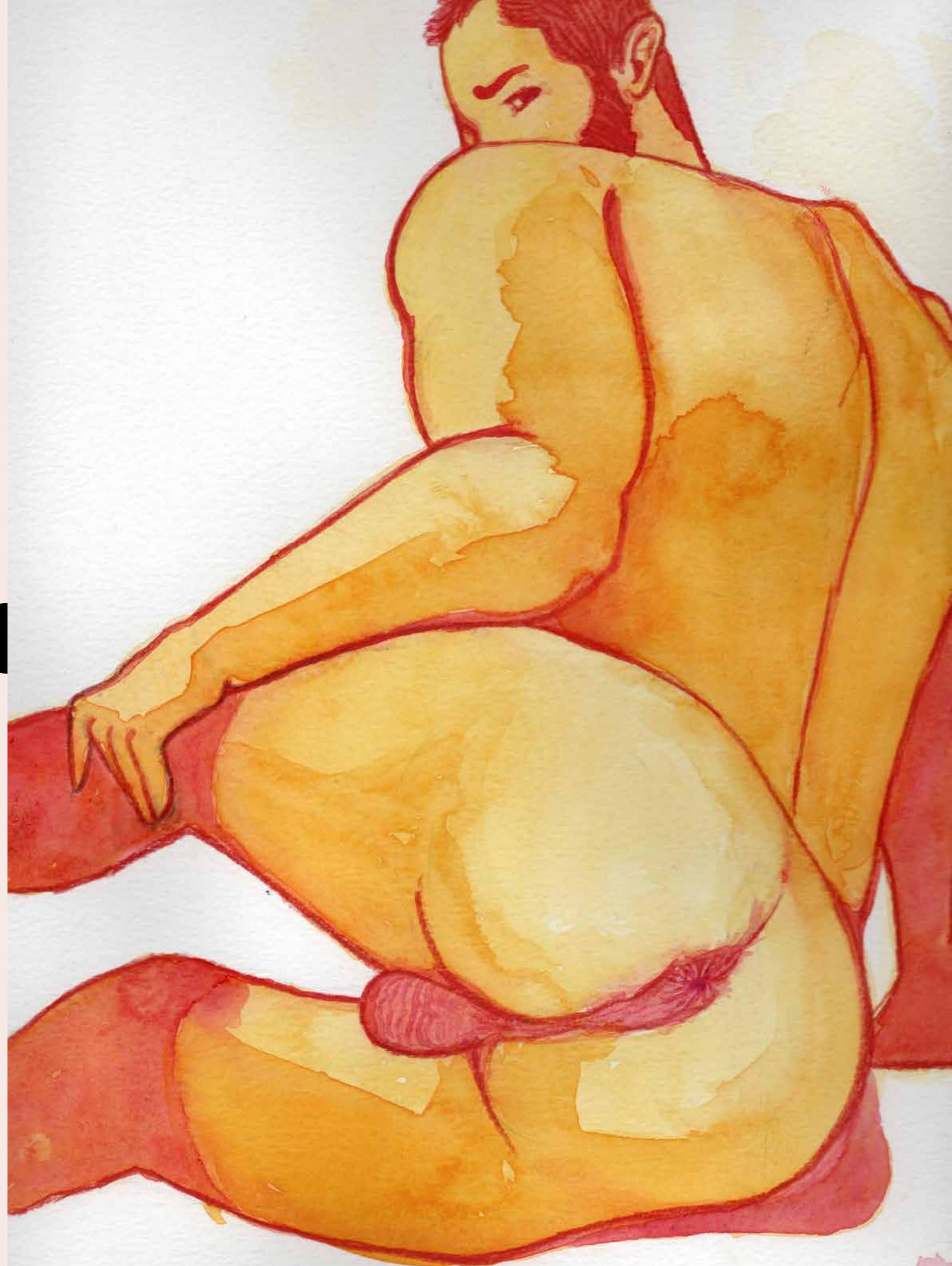
Daniel Tamayo

Cu 2 // Hole 2

aquarela e lápis de cor sobre papel // *watercolor
and colored pencils on paper*

Brasil // *Brazil*

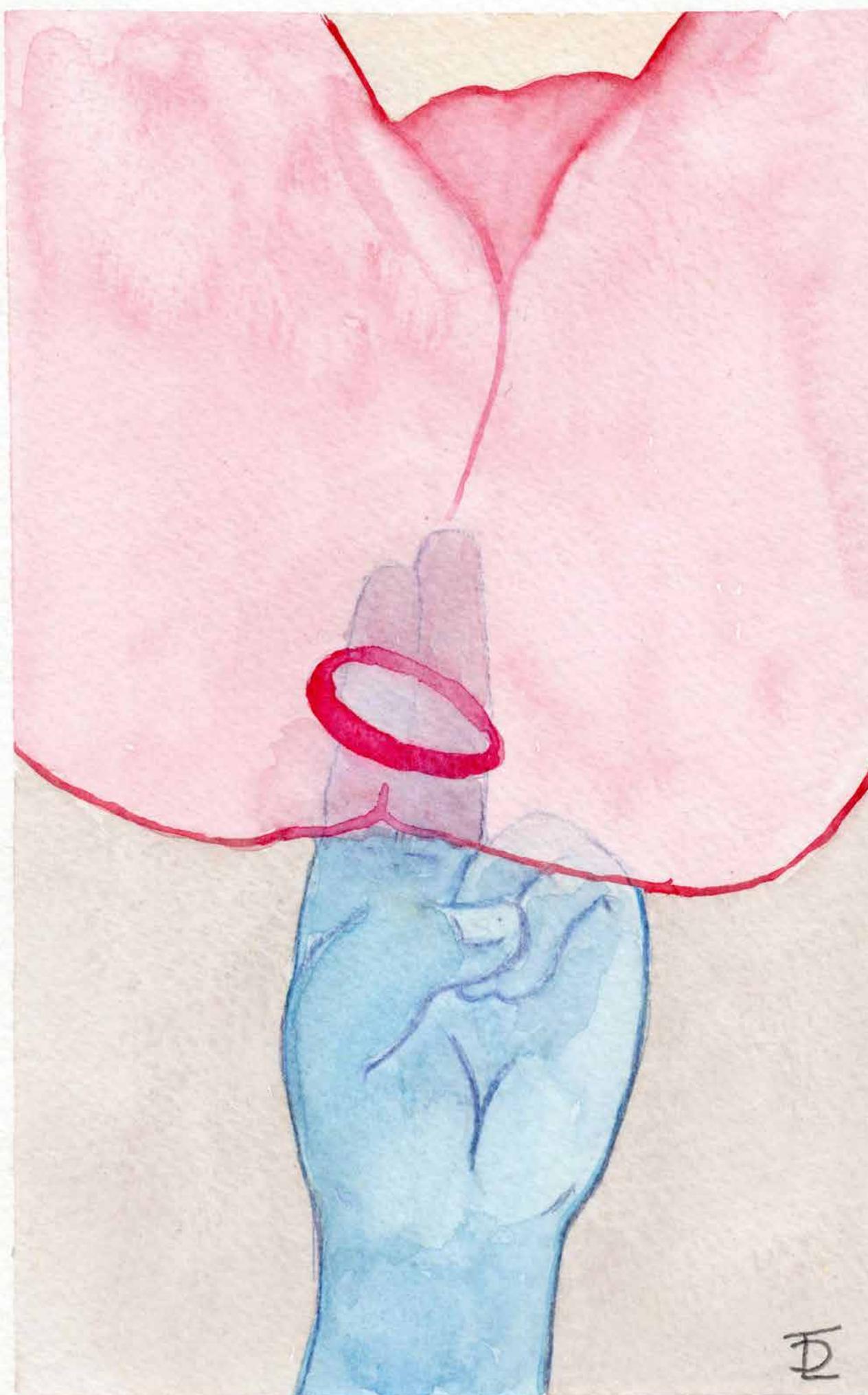
2023

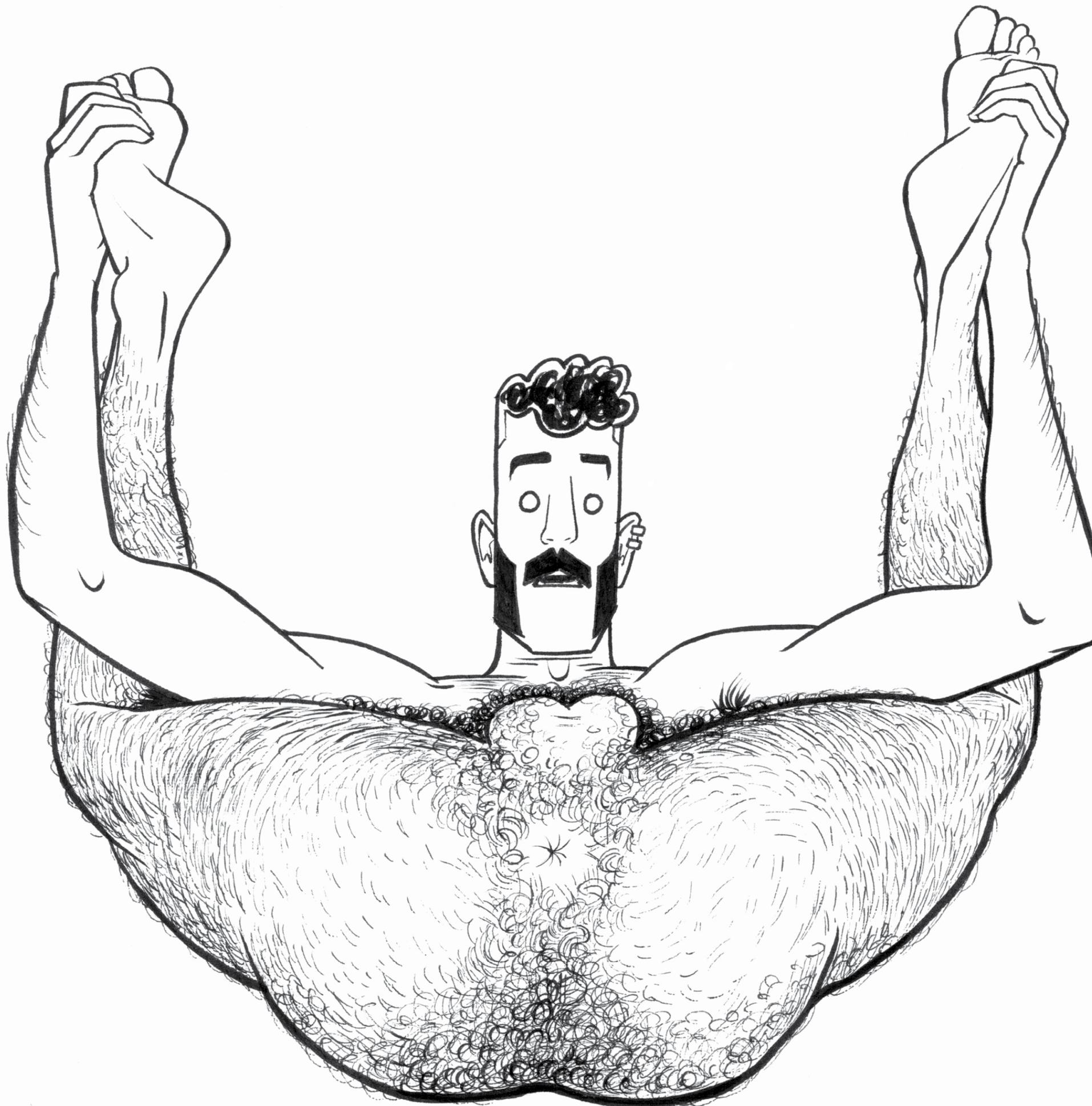




Daniel Tamayo

Anel rosa // Pink ring
aquarela sobre papel // watercolor on paper
Brasil // Brazil
2023





Ed Firth

**Sem título //
Untitled**

nanquim sobre papel
// ink on paper
Reino Unido //
United Kingdom
2023









Edilberto Sobrinho

O Caminho, a Verdade e a Vida //
The Way, the Truth and the Life
grafite sobre papel // graphite on paper
Brasil // Brazil
2021





**Edilberto
Sobrinho**

**A primeira foto de
um buraco negro //
The first photo of a
black hole**

grafite sobre papel //
graphite on paper
Brasil // Brazil
2019



Edilberto Sobrinho

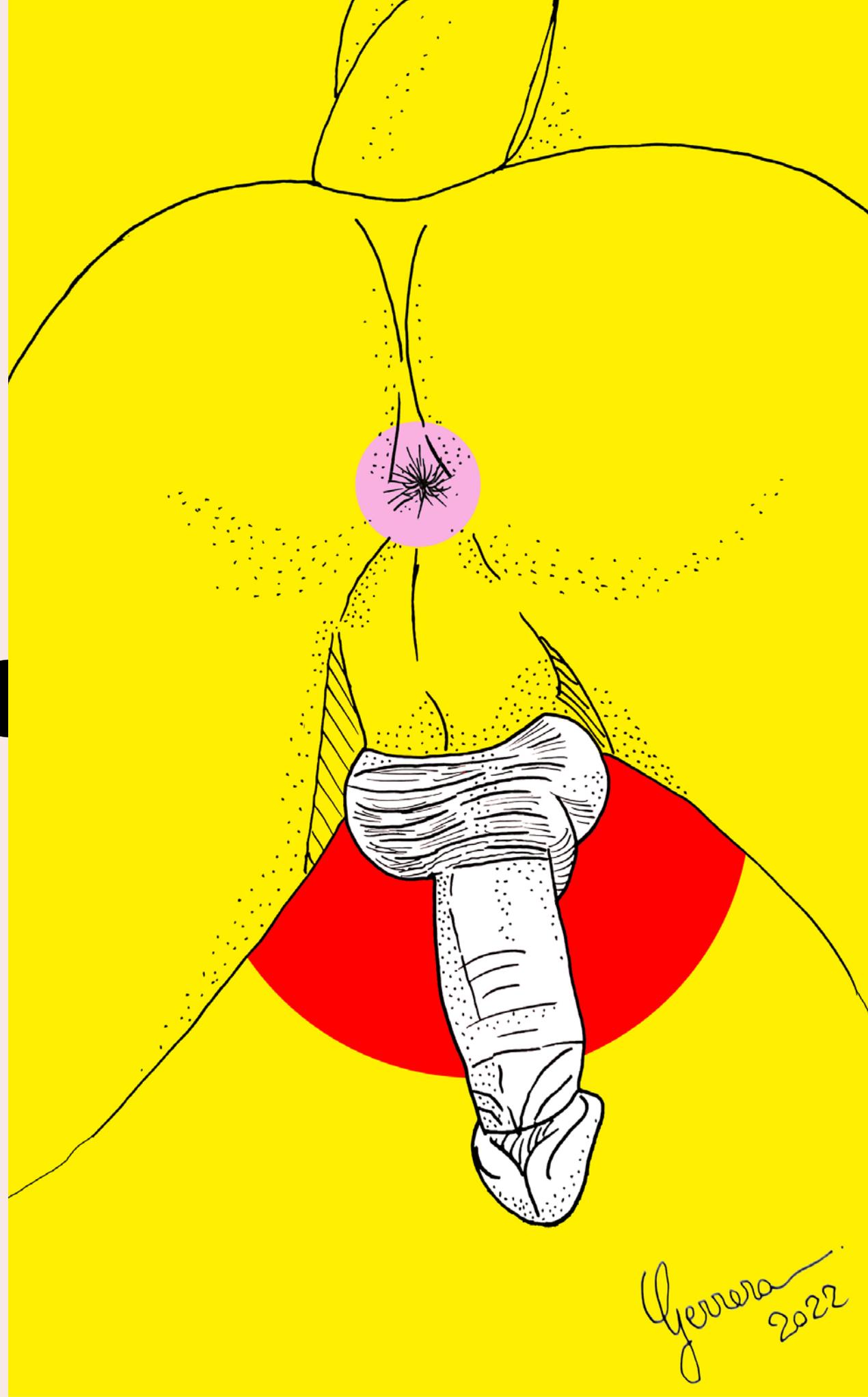
Este desenho custa R\$ 89.000,00 //
This drawing costs BR\$ 89,000.00
grafite sobre papel // graphite on paper
Brasil // Brazil
2020





Gerrera

Cu doce // Sweet ass
nanquim e pintura digital // ink and digital
painting
Brasil // Brazil
2022





Heleno

Por uma vida menos ordinária //
For a less ordinary life
colagem digital // digital collage
Brasil // Brazil
2023



**POR UMA VIDA
MENOS
ORDINÁRIA**



Igor Yermakov

Sem título // Untitled
fotografia // photography
Ucrânia // Ukraine
2022





Javier Trelis Sempere

Origens // Origins
pastel e sanguínea sobre madeira // pastel and
sanguine on wood
Espanha // Spain
2022





Jeferson Lorenzato

Bumba-meu-cu

nanquim, caneta posca e aquarela sobre papel
com intervenção digital // ink, posca pen and
watercolor on paper with digital intervention

Brasil // Brazil
2023



www

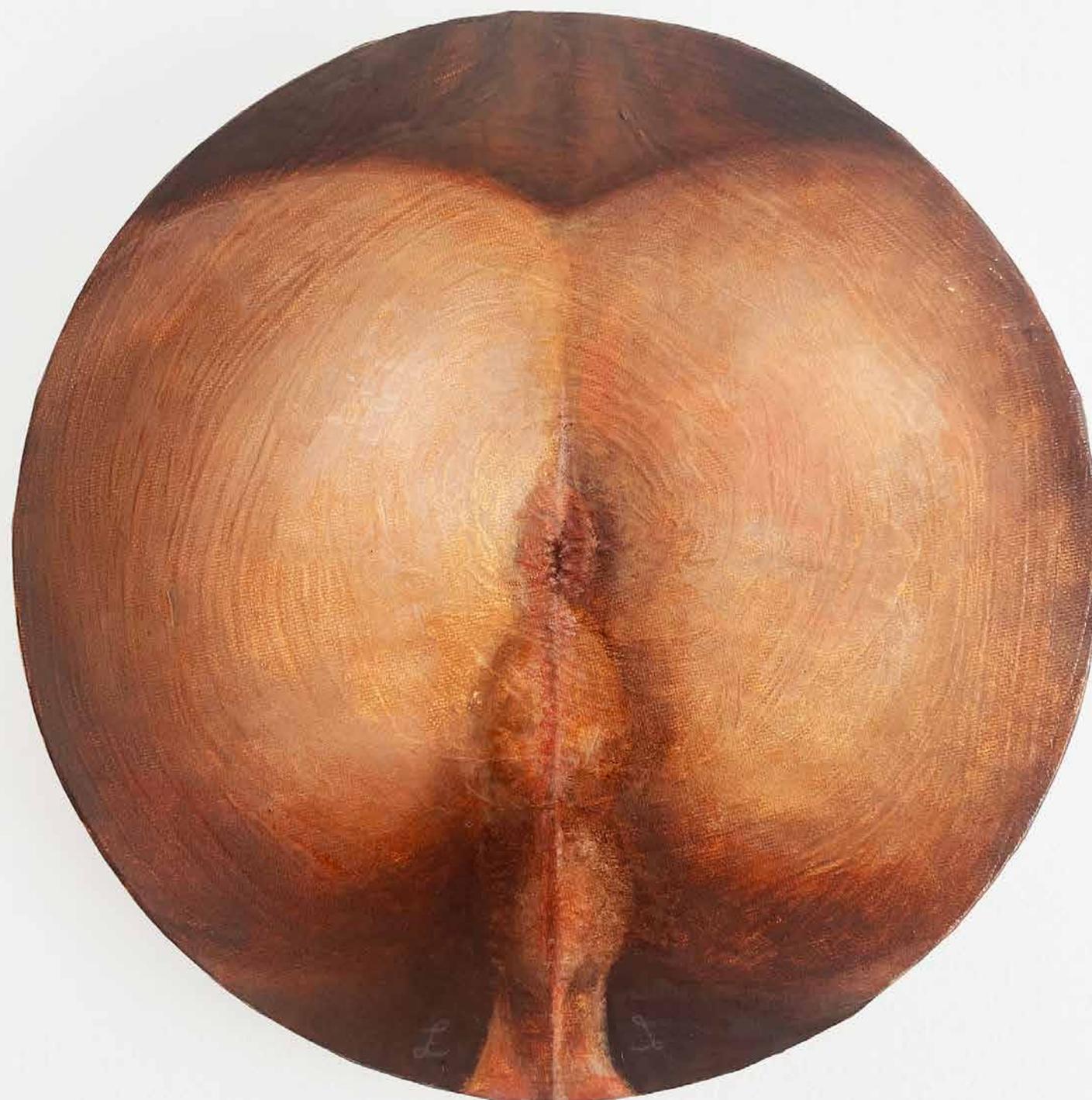


Jeferson
Lorenzato



Łukasz Leja

A origem do mundo //
The origin of the world
óleo sobre tela // oil on canvas
EUA // USA
2022





Marcos Rossetton

CUDiverso!

bordado em látex natural com linha de algodão,
alfinetes e rebites de alumínio // embroidered
in natural latex with cotton thread, pins and

aluminum rivets

Brasil // Brazil

2020





Marcos Rossetton

**Minhas pregas, minhas regras //
My pleats, my treats**

bordado em látex natural com linha de algodão
e aviamentos // *embroidered in natural latex with
trimmings*

Brasil // *Brazil*
2020





Matthew Robins

Rabo do Oscar // Oscar's bum
guache em papel aquarela feito à mão //
gouache on handmade watercolour paper
Reino Unido // United Kingdom
2022





Noah Mancini

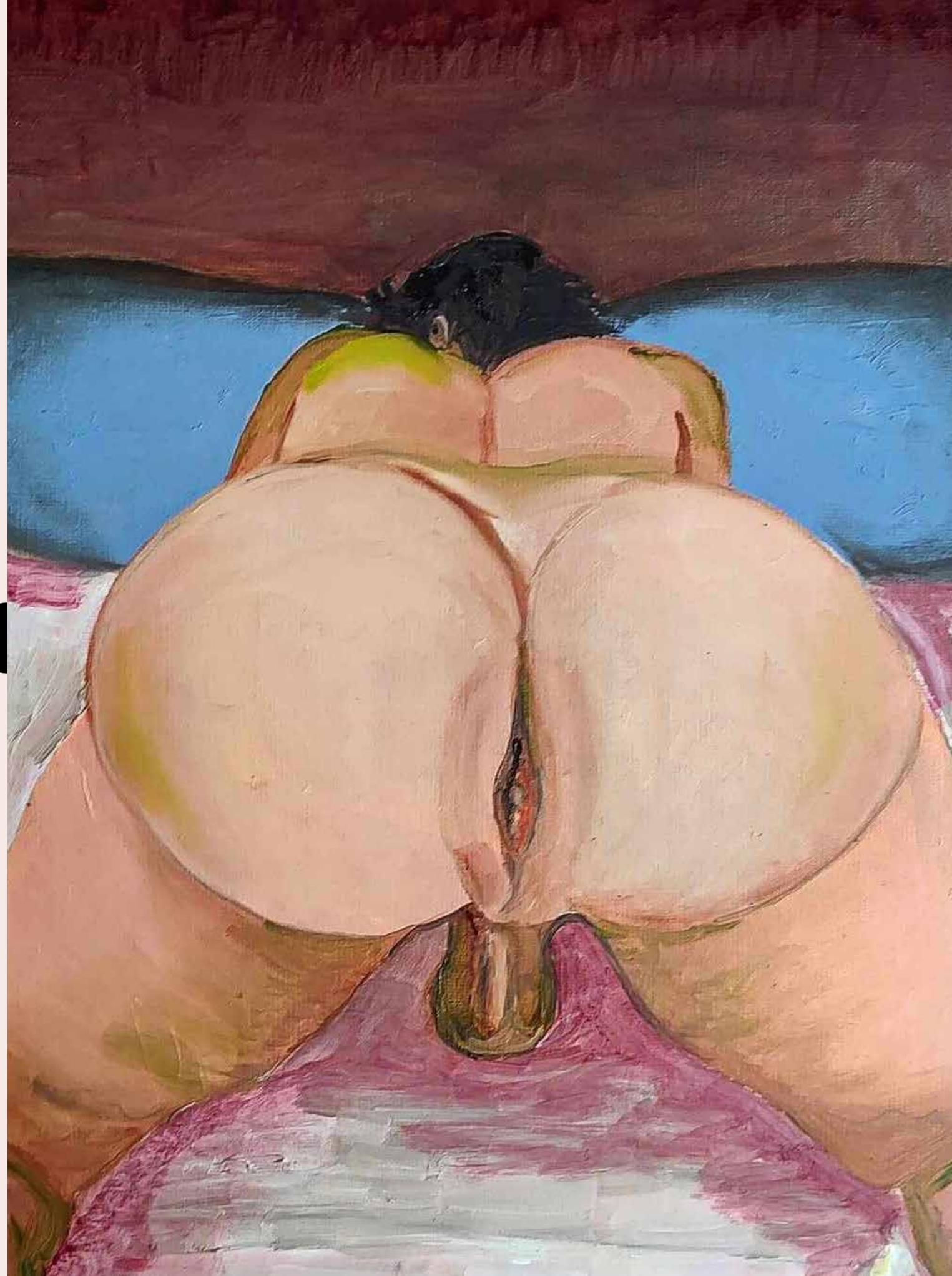
I love Brazil
foto-performance //
photo-performance
Brasil // Brazil
2019





Paulo Jorge Gonçalves

Convite // Invitation
óleo sobre papel // oil on paper
Brasil // Brazil
2023





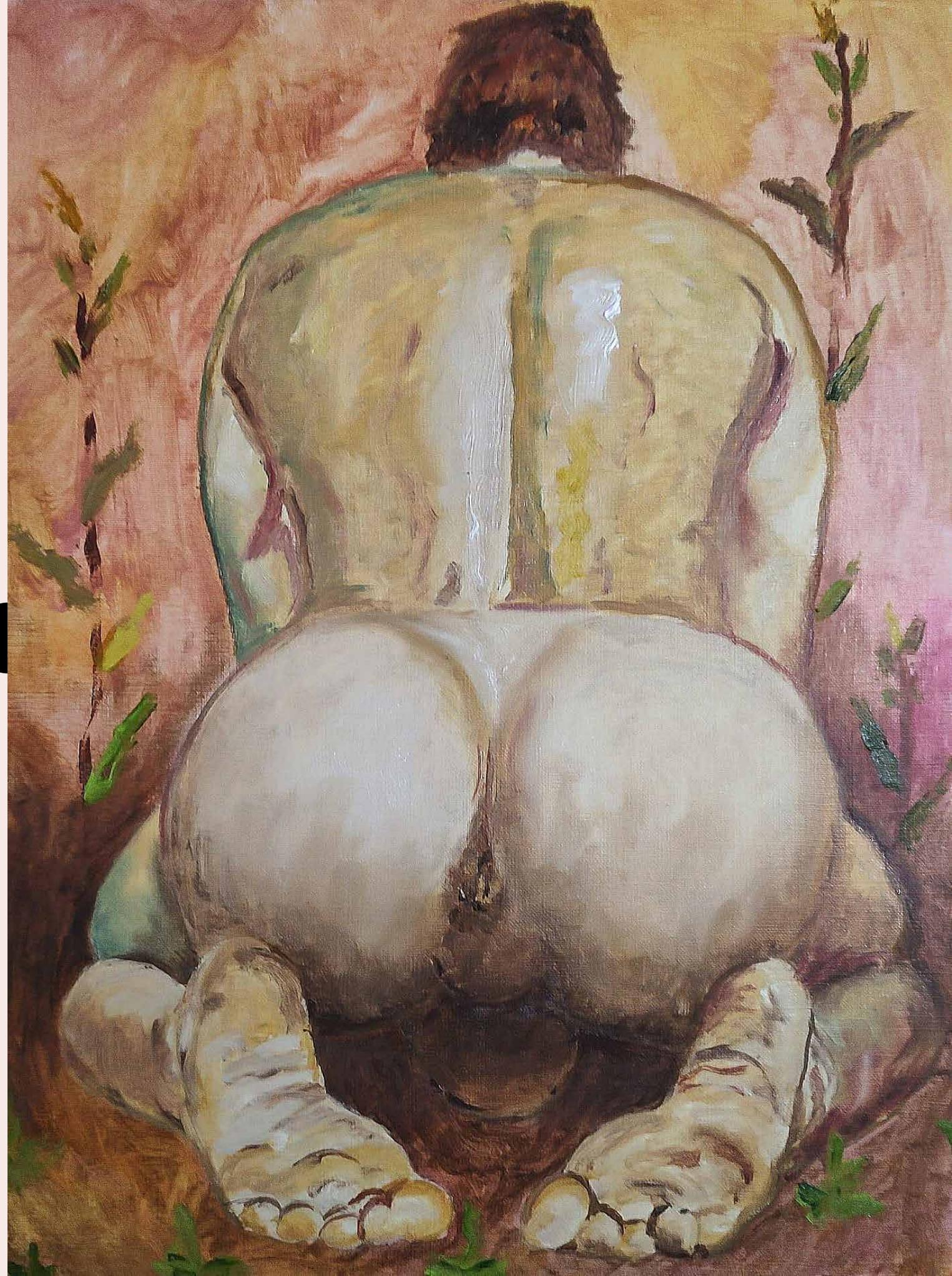
Paulo Jorge Gonçalves

Cerimônia da colheita // Harvest ceremony

óleo sobre papel // oil on paper

Brasil // Brazil

2022





Pedro Ávila

Explore-me // Explore me
sobreposição de papel vegetal recortado, fixados
por alfinetes de costura em foam board preto //
overlay of cut tracing paper, fixed with sewing pins
on black foam board
Brasil // Brazil
2023





Pedro Ávila

Demarque-me // Mark me
sobreposição de papel vegetal recortado, fixados
por alfinetes de costura em foam board preto //
overlay of cut tracing paper, fixed with sewing pins
on black foam board
Brasil // Brazil
2023



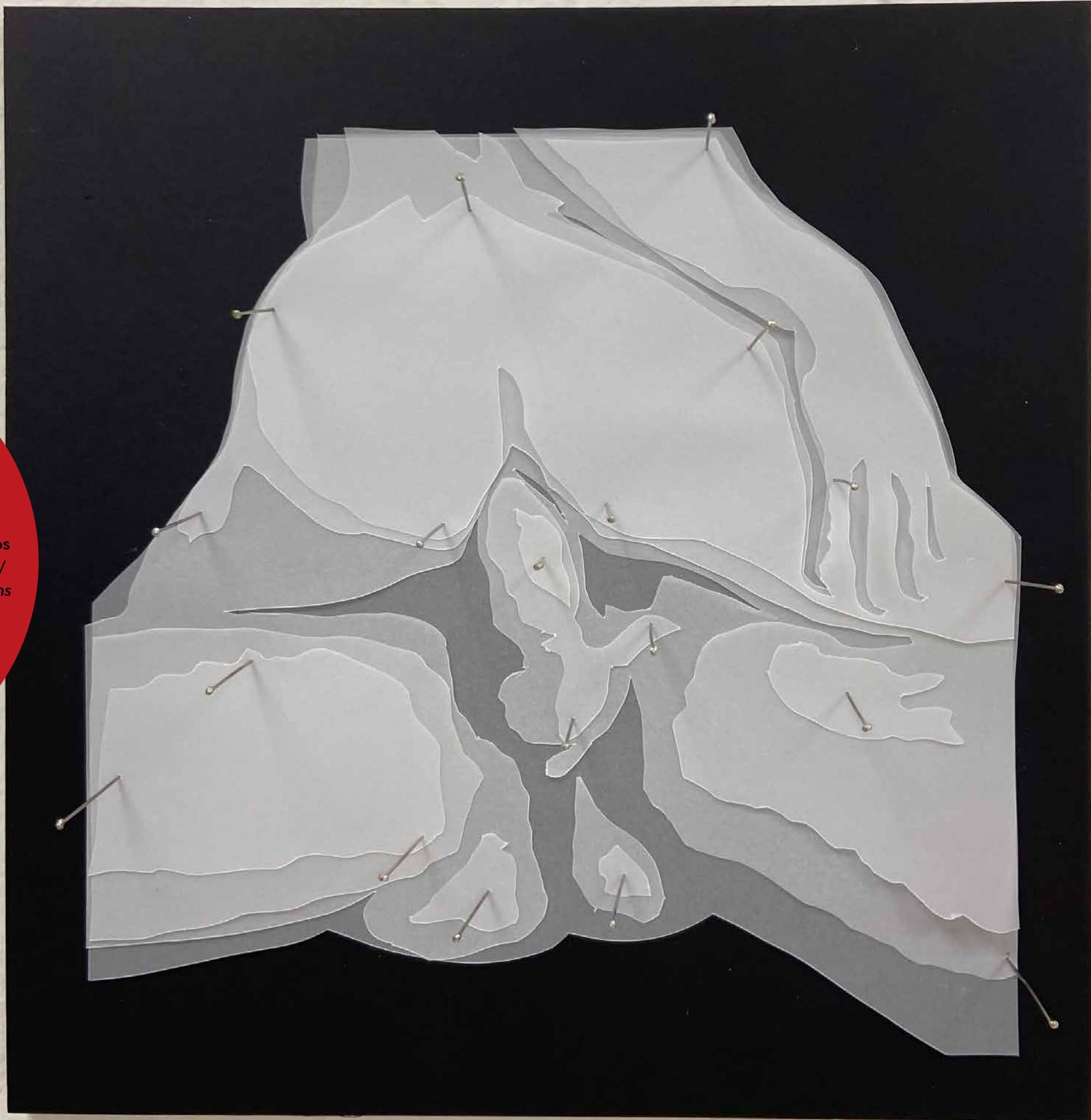


Pedro Ávila

Fure-me // Pierce me

sobreposição de papel vegetal recortado, fixados por alfinetes de costura em foam board preto //
overlay of cut tracing paper, fixed with sewing pins on black foam board

Brasil // Brazil
2023





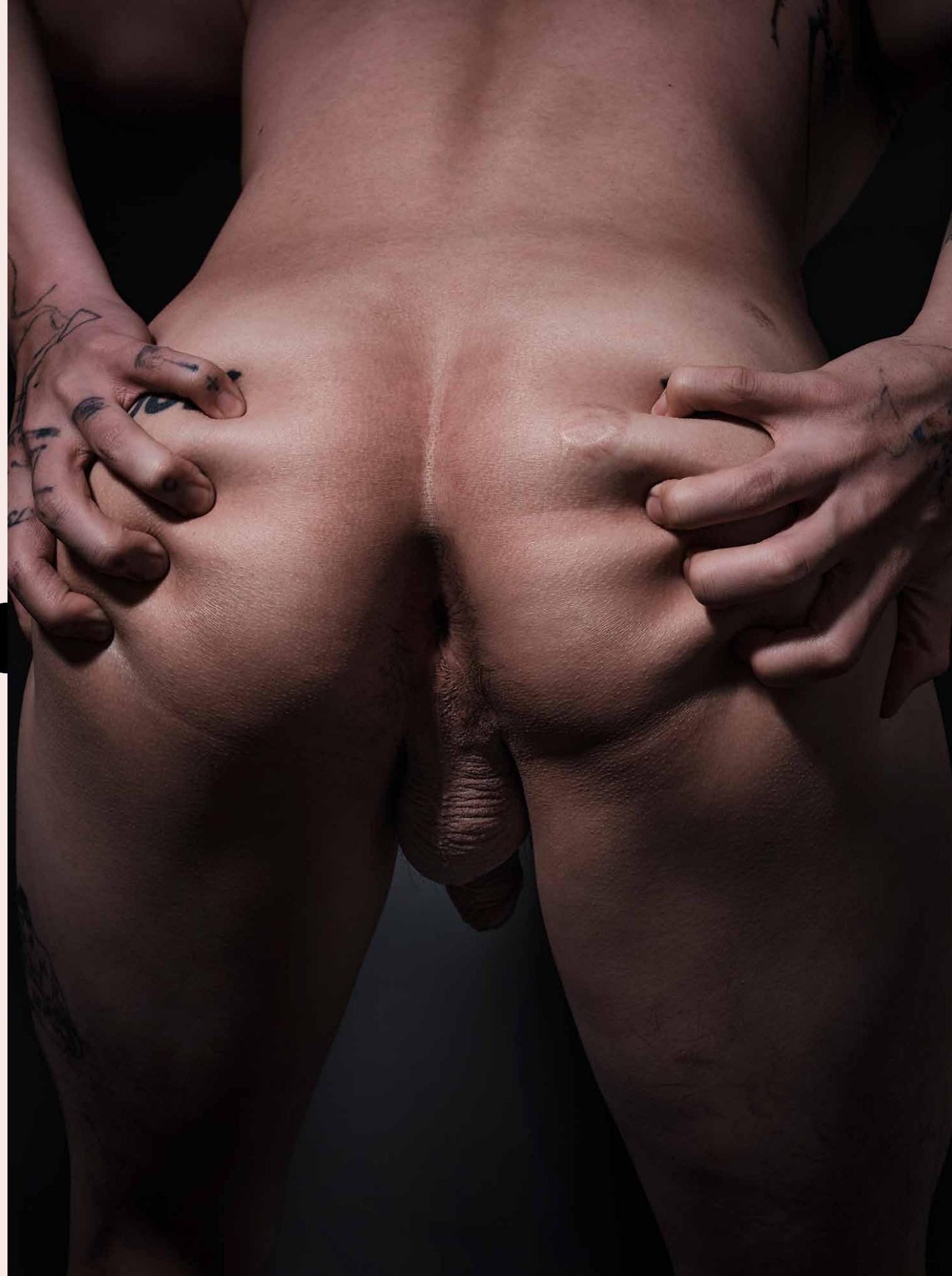
Peter Schmid

**A origem do Mundo (série) //
The origin of the world (series)**

fotografia // photography

Áustria // Austria

2022-2023

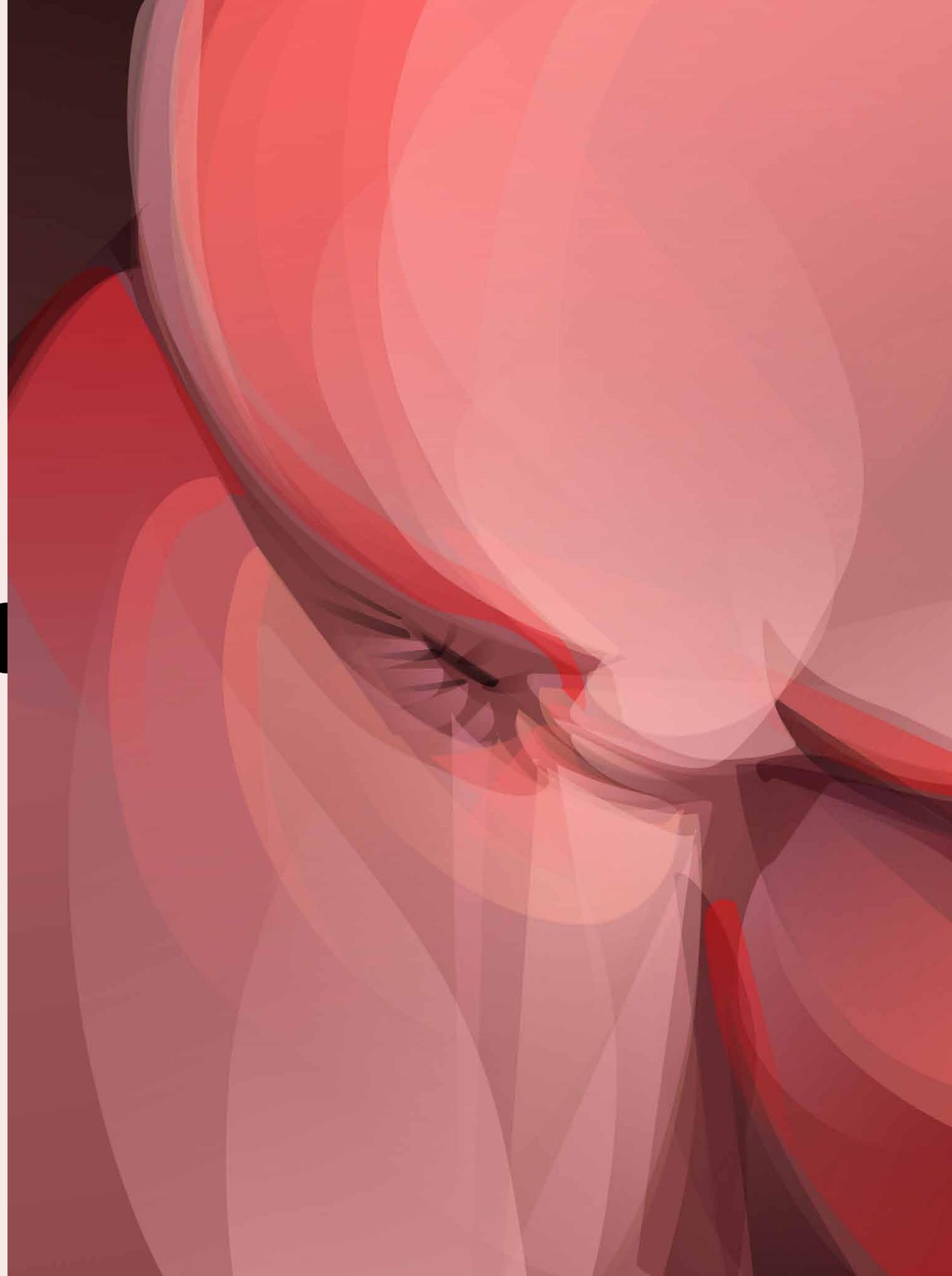


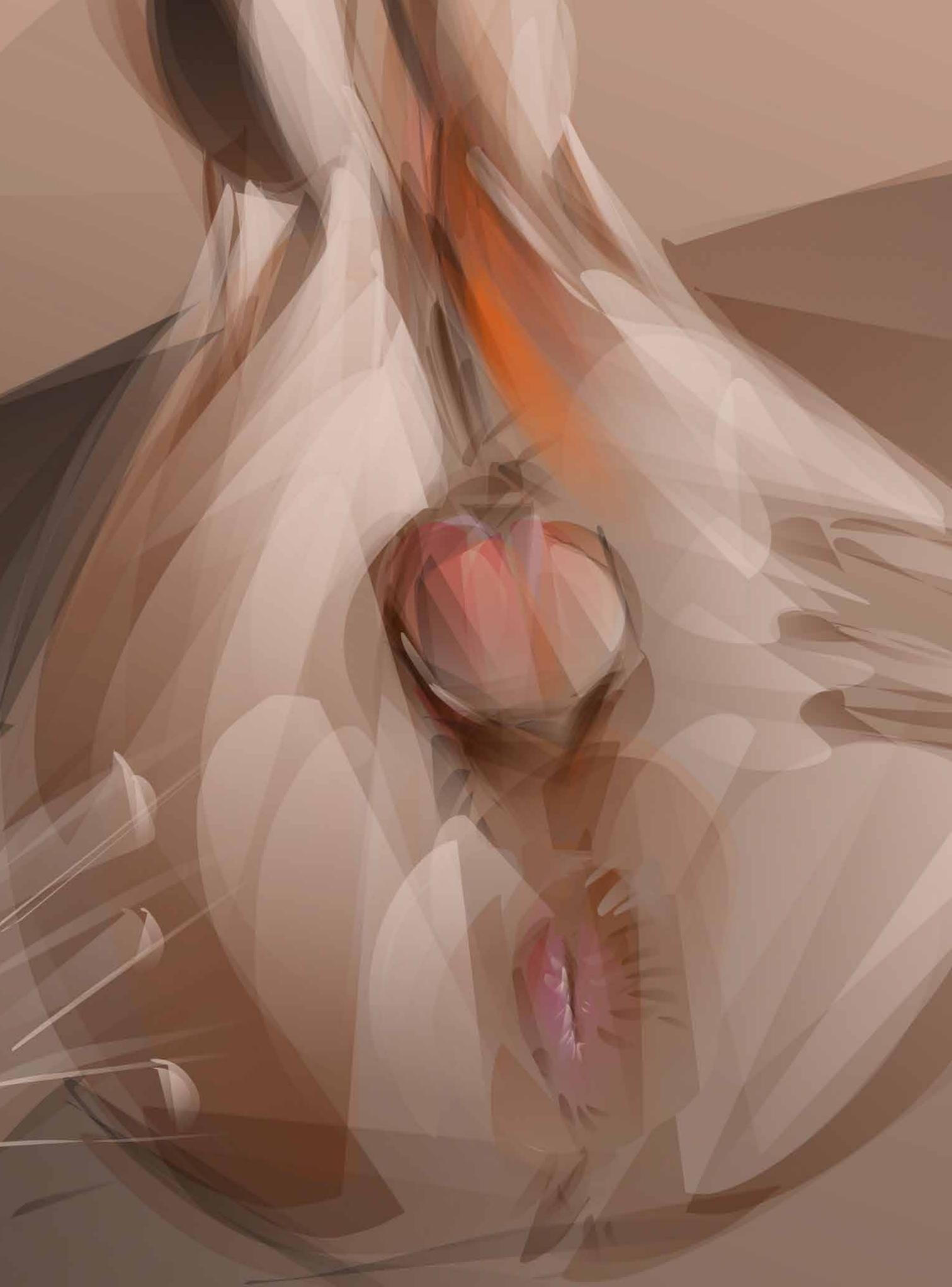




Pier Gustafson

Sem título // *Untitled*
ilustração digital // *digital illustration*
EUA // USA
2023







**Robert
Siegelman**

Anjo
fotografia //
photography
EUA // USA
2022





**Robert
Siegelman**

Funkin
fotografia //
photography
EUA // USA
2018





**Robert
Siegelman**

Alonso
fotografia //
photography
EUA // USA
2019





**Robert
Siegelman**

Jake
fotografia //
photography
EUA // USA
2012





Rodrigo
Peçanha

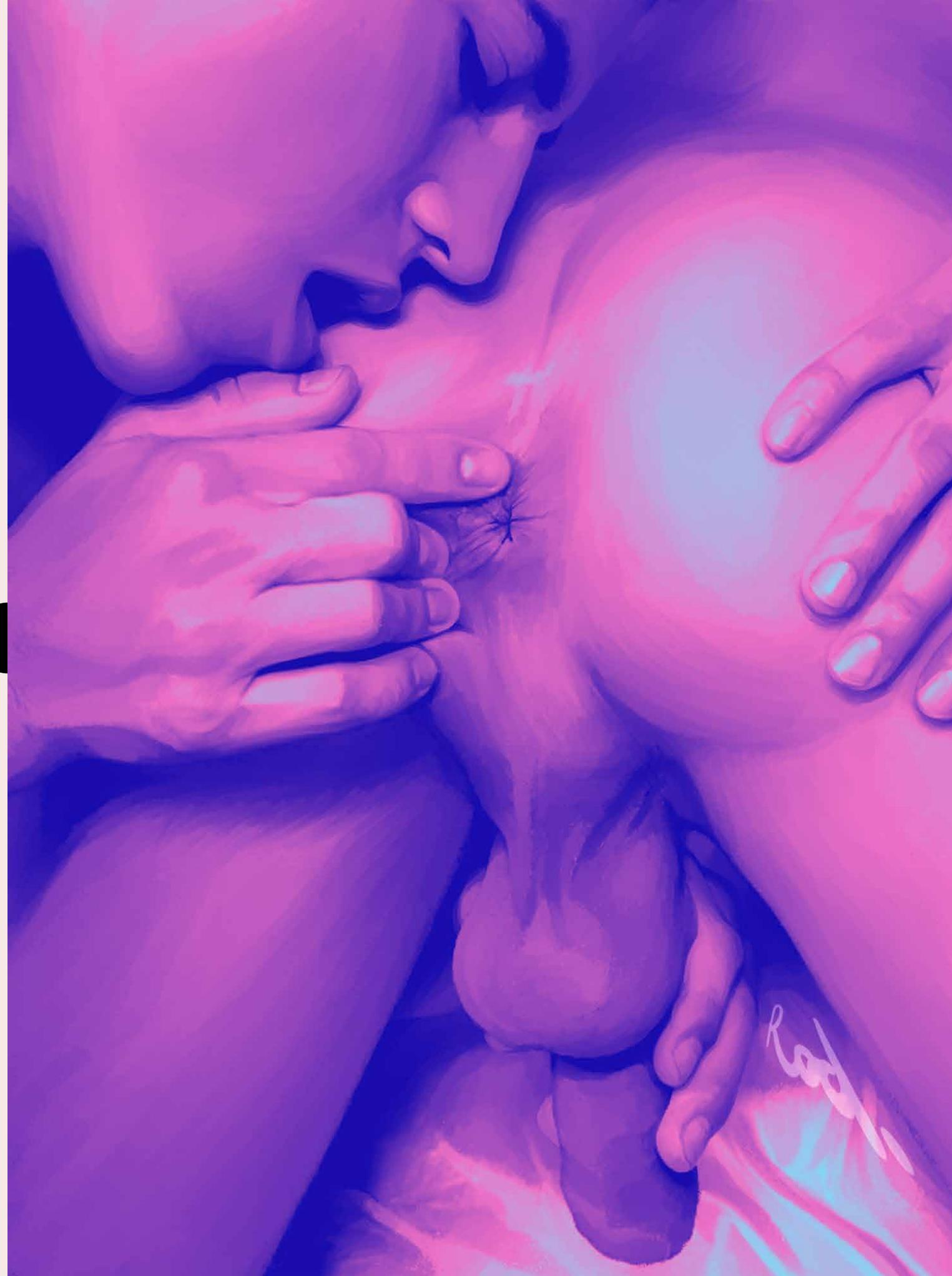
Cucentrico 1
arte digital // digital
art
Brasil // Brazil
2022





Rodrigo Peçanha

Cucentrico 2
arte digital // digital art
Brasil // Brazil
2022





**Rodrigo
Peçanha**

Cucentrico 3
arte digital // digital
art
Brasil // Brazil
2022





Rory Midhani

Gravidade // Gravity

técnica mista de recorte em papelão e tinta
acrílica // mixed media of cut-outs cardboard and
acrylics

Alemanha // Germany
2023





Saulo Taveira

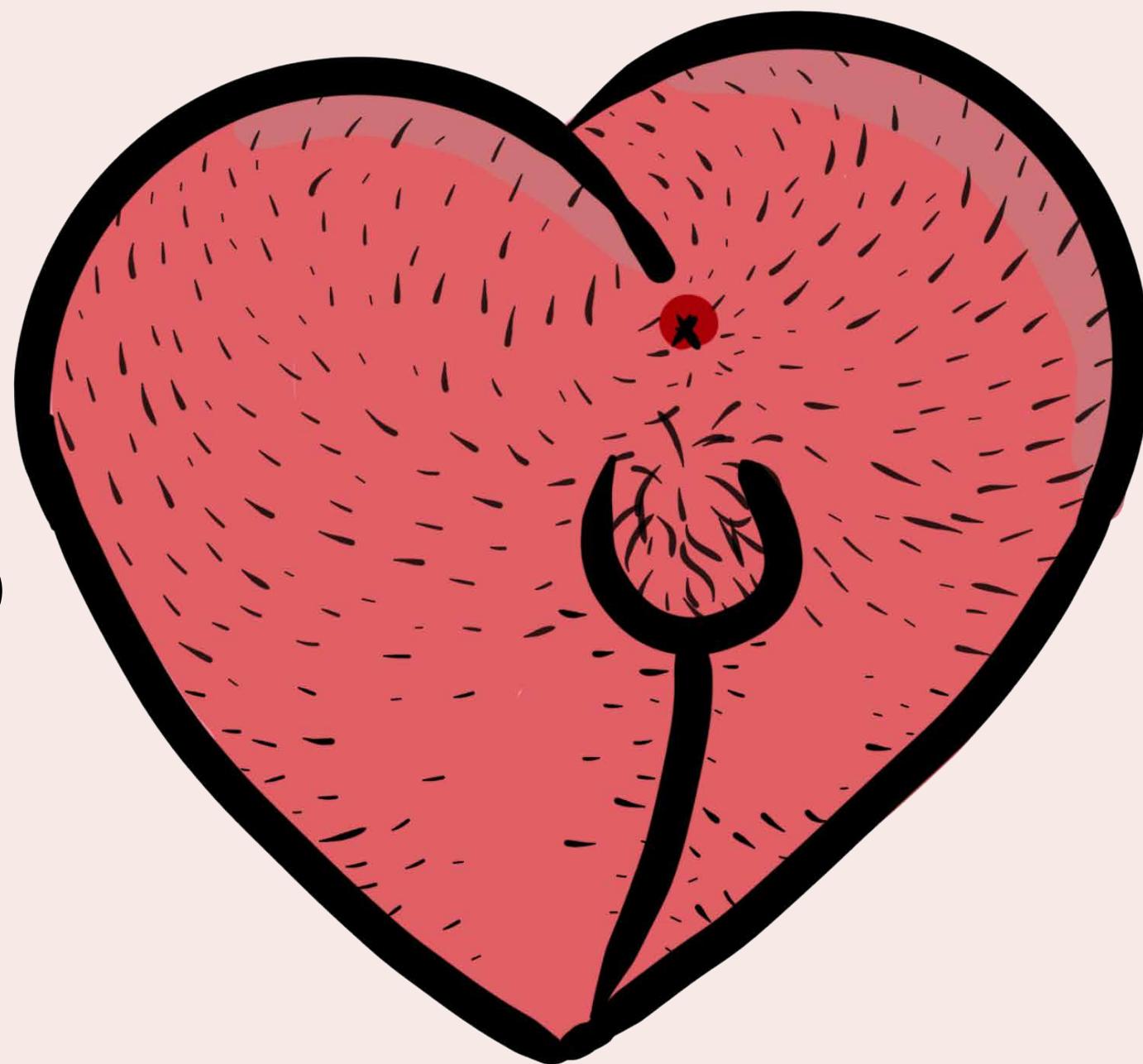
Sem Título // Untitled
fotografia // photography
Brasil // Brazil
2022





Sigilosah

Curação
ilustração digital // digital illustration
Cu do Mundo // Ass of the World
2021





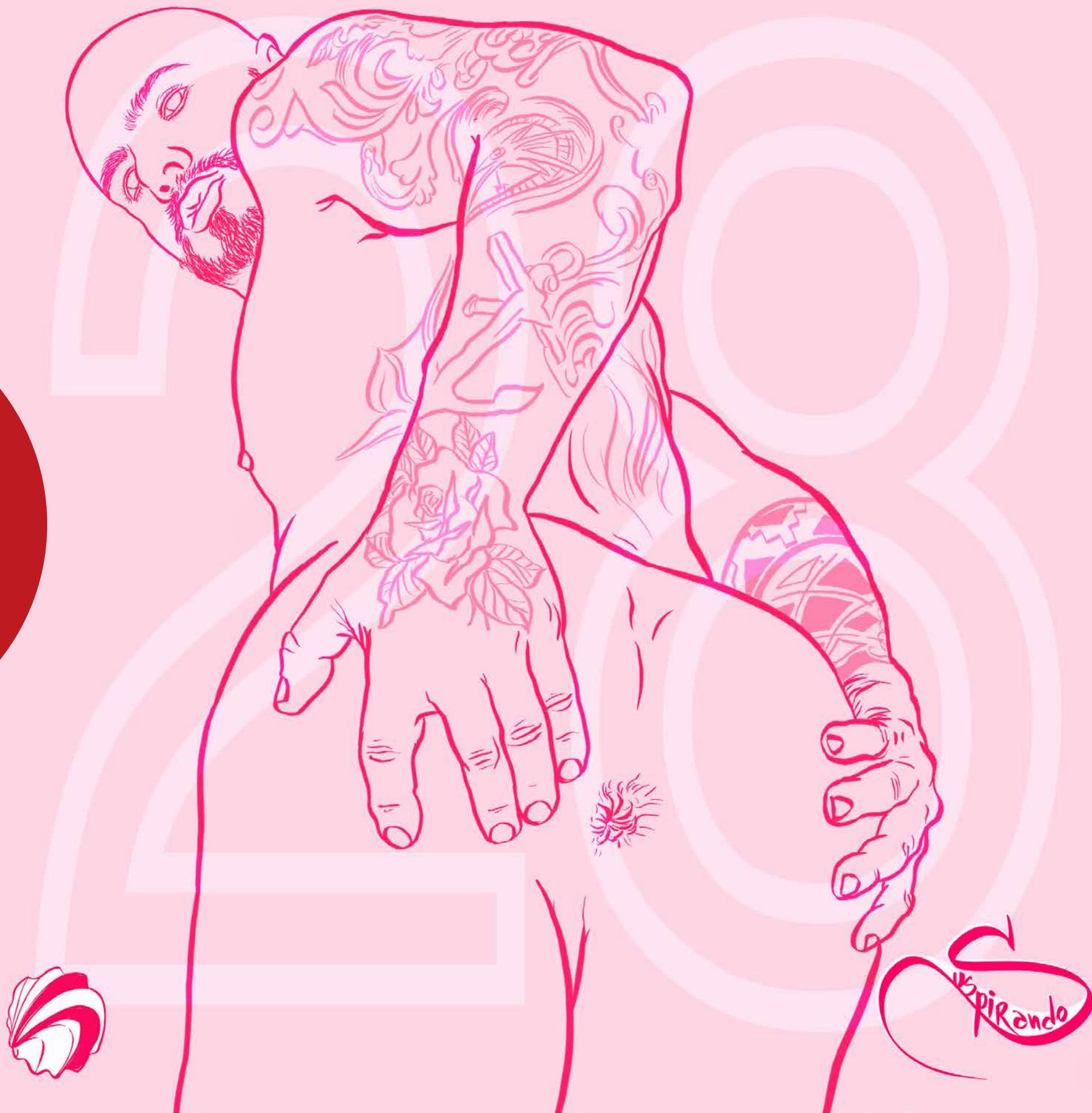
Suspirando

28

ilustração digital // digital illustration

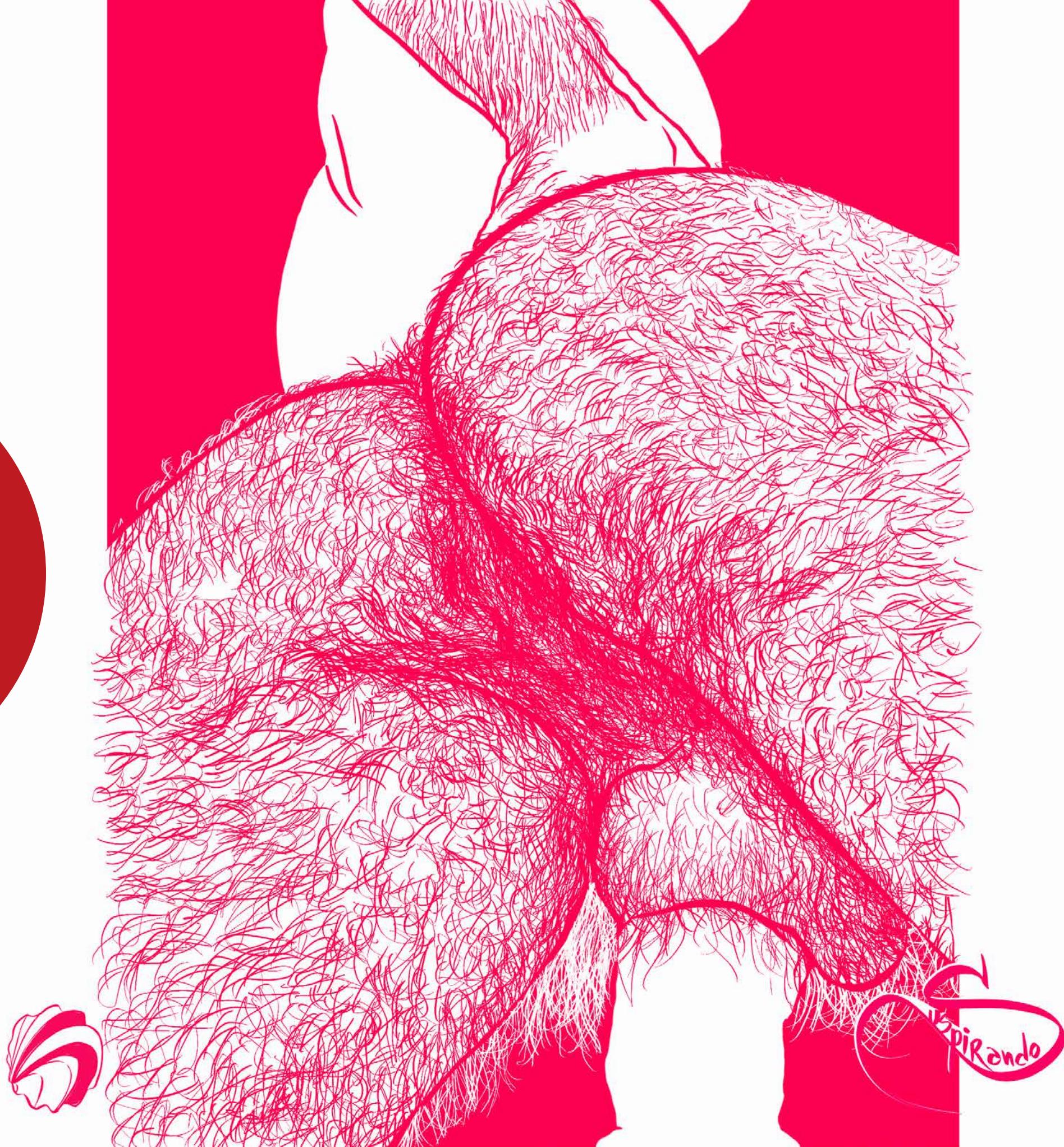
Brasil // Brazil

2023



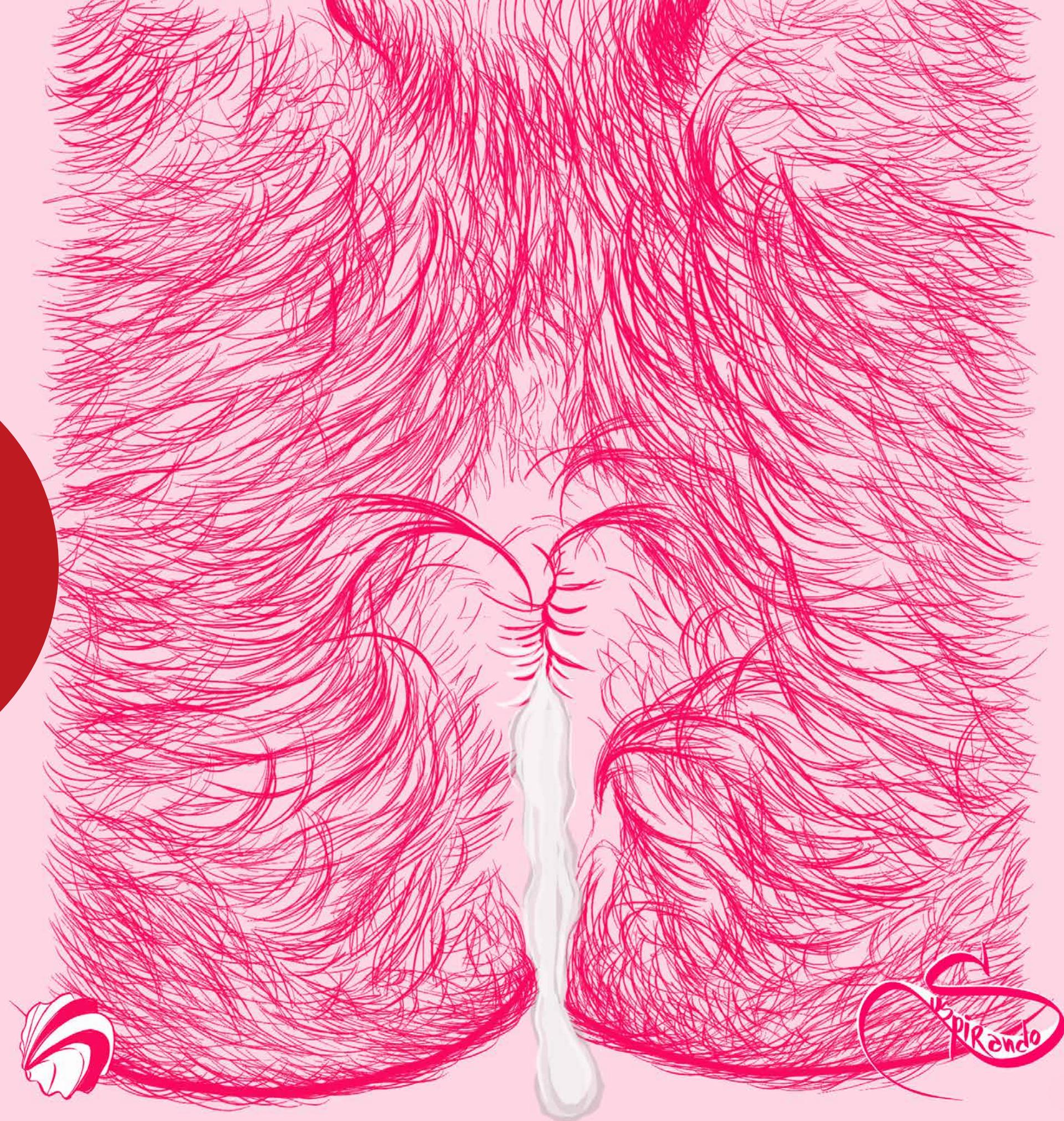


Suspirando
P.O.V
ilustração digital // digital illustration
Brasil // Brazil
2023





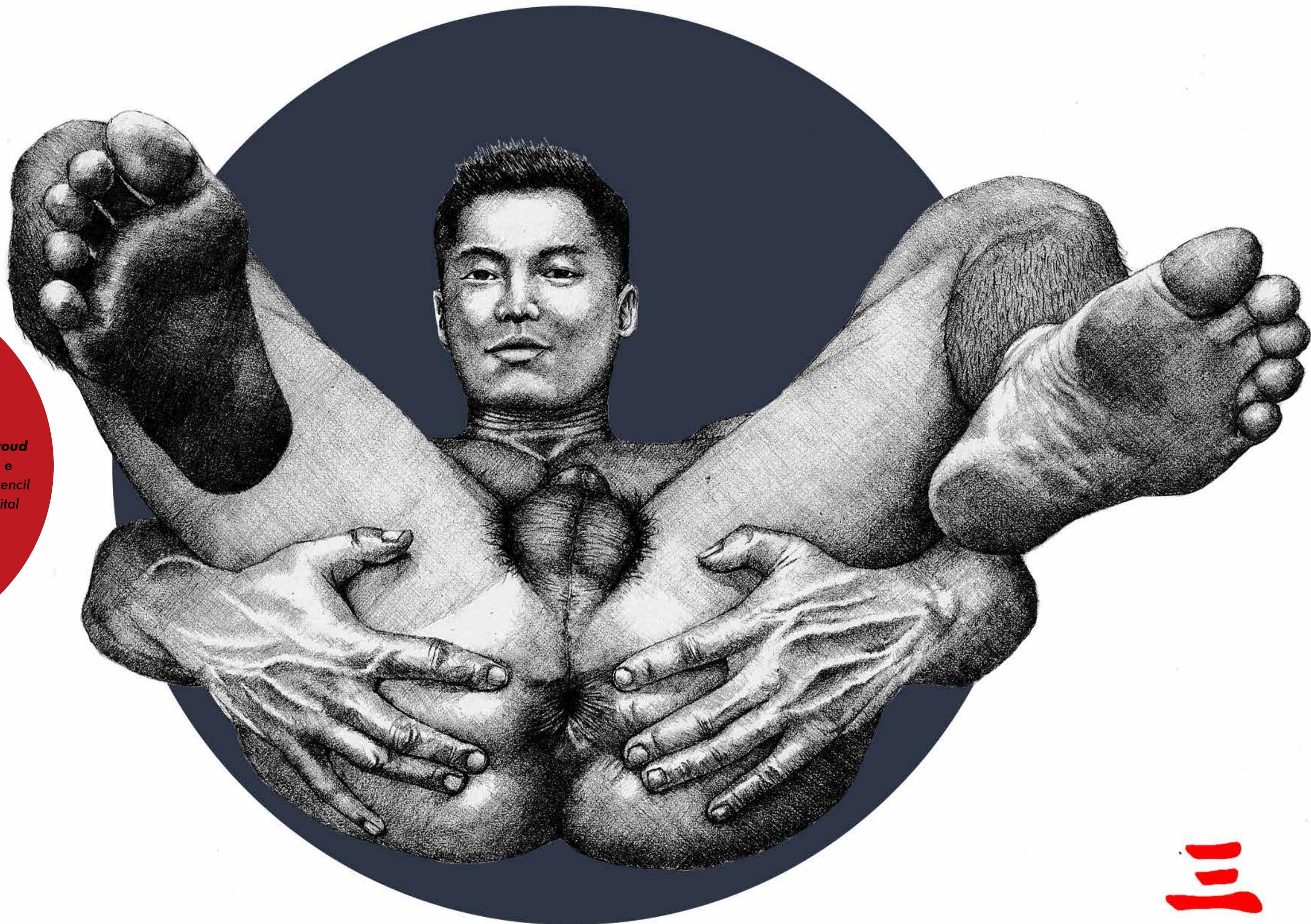
Suspirando
Vazando // Leaking
ilustração digital // digital illustration
Brasil // Brazil
2023

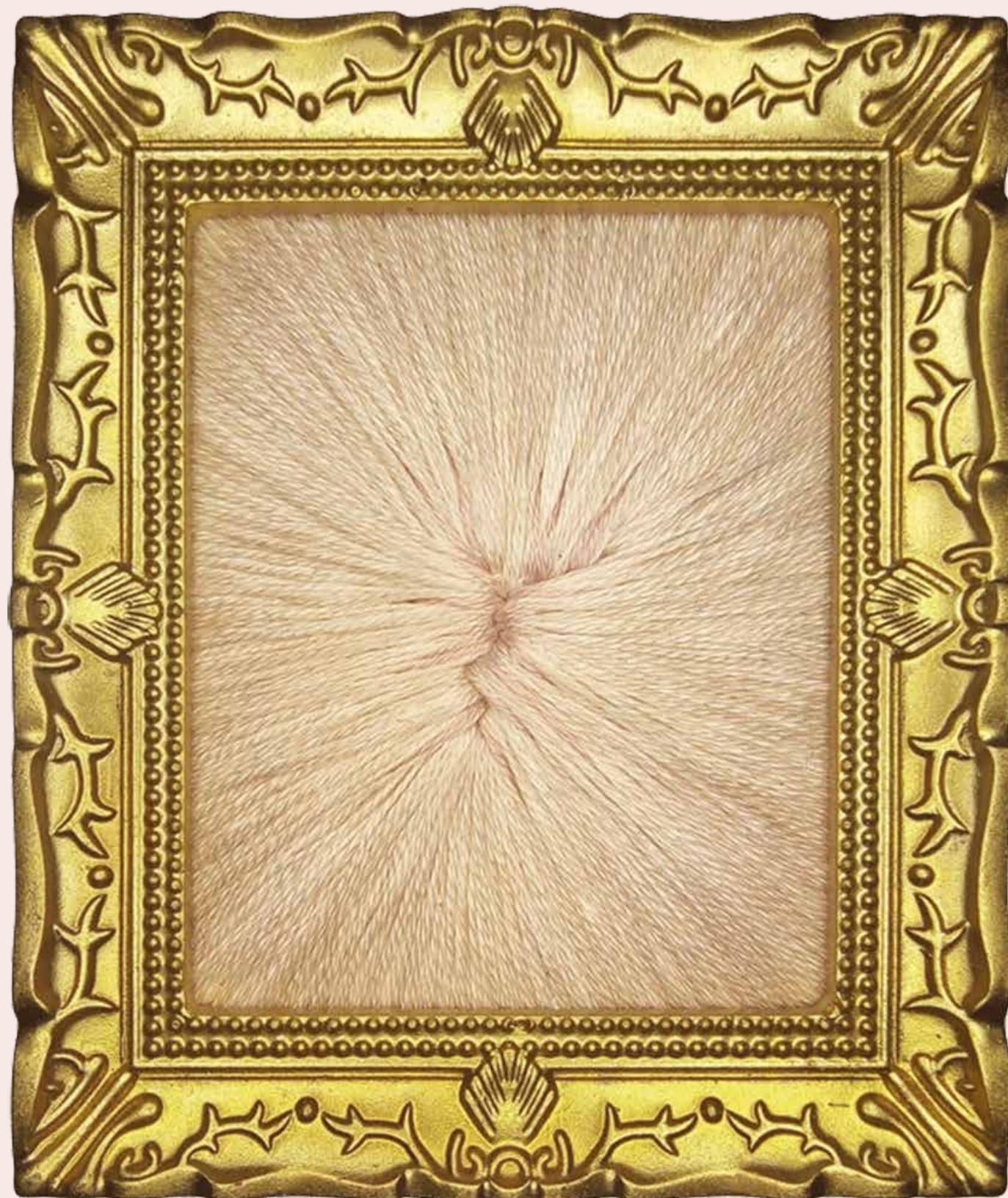




The Gaysian Artist

Orgulhoso // Proud
lápiz sobre papel e
fundo digital // pencil
on paper and digital
background
Reino Unido //
United Kingdom
2023







VraisNus

Sem título //
Untitled

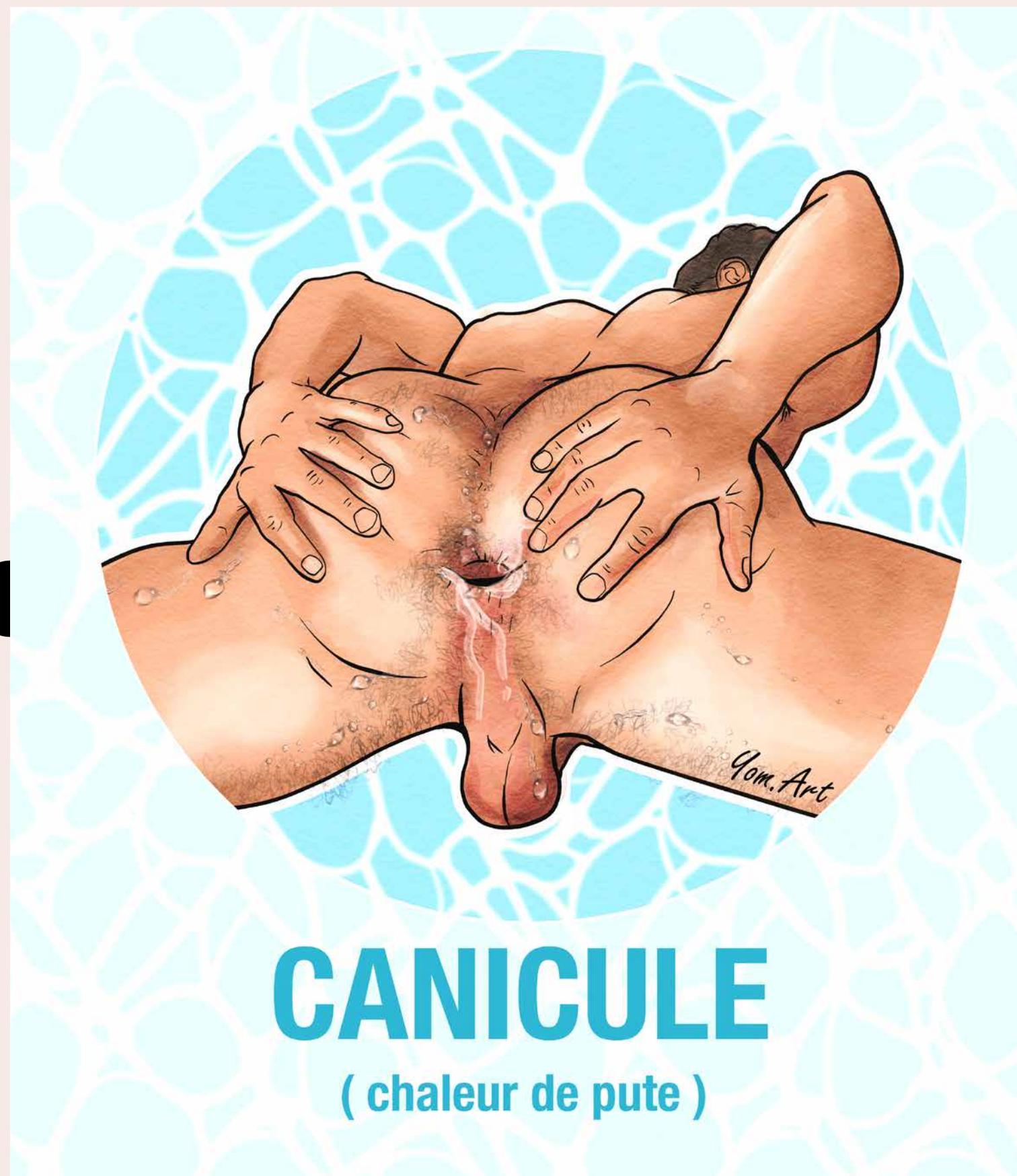
nanquim sobre papel
e arte digital // ink on
paper and digital art
Itália // Italy
2023





Yom

Onda de calor // Canicule
arte digital // digital art
França // France
2023



CANICULE

(chaleur de pute)



A marca da tigresa

Matthew
Donatello di
Lima

Brasil // Brasil
2023



Meu corpo não saberia o que estava prestes a acontecer nos próximos segundos naquele quarto de motel barato, mesmo conhecendo ele muito bem. Eu conhecia o toque, os lábios quentes e macios dele, mas não sabia do quão imponente aquela língua era em meu corpo.

Chegamos naquele quarto como dois amantes do prazer, mas os amantes tornaram-se animais ferozes sedentos pela natureza sexual que habitava secretamente dentro de nós. Ele tirou o capacete e pediu para eu colocar em cima do arcaico frigobar que estava no cantinho do quarto. Eu o obedeci e fiz a mesma coisa com o meu. Mas só foi apoiar os capacetes que o objeto emitiu um pequeno estalo, como se não suportasse o peso de apenas dois capacetes. Então, imediatamente falei:

— Eu acho que ele não vai suportar...

Não consegui nem sequer terminar a frase por completo. Ele cortando minha fala, retrucou:

— Quem não suporta tanto tempo longe de ti sou eu. Essa distância que nos mata por dentro. – Falou ele agarrando meu corpo com o dele, beijando minha nuca na mesma hora.

Ele era impetuoso. Eu precisava reagir, mas não conseguia fazer absolutamente nada. Dominando meu corpo com o dele, ele me virou e me beijou ferozmente.

Peguei o lábio inferior dele e o mordisquei. Depois voltei a sentir a língua dele no céu da minha boca. Ele queria sentir aquela sensação novamente – como naquele dia que nos beijamos –, a sensação de prazer à flor da pele, rasgando minha alma por inteiro. Eu também precisava sentir tudo aquilo novamente, precisava daquilo para me sentir vivo. Então, ele foi bem próximo do meu ouvido e sussurrou:

— Você me deixa apreciar esse paraíso que você chama de corpo? – disse, mordiscando a pontinha da minha orelha.

Meus sentidos captaram aquela mensagem e reagiram enviando leves tremores em minhas pernas. Admito que isso também me fez ficar um pouco desorientado. Sem nem ao menos pensar na resposta, apenas disse:

— Meu corpo é todo seu!

Voltamos a nos beijar com mais ardor, agora tirando cada peça que estava em nosso corpo. Primeiro ele tirou meu casaco jogando-o no chão, depois eu tirei a camiseta dele em seguida, ele tirou a minha. Com uma aura de magnetismo feroz pairando sob nós, sem ao menos perceber isso, nossos corpos estavam quase nus, apenas de cueca. O que ele não sabia era que meu cuzinho estava sedento por toda aquela adrenalina que percorriam em nossos corpos.

Instintivamente eu o empurrei, fazendo-o cair na cama, o que o deixou um pouco excitado com a minha ousadia. Então, montei em cima dele e, mesmo de cueca,

pude sentir que ele já estava com o pau duro. Olhei profundamente nos olhos dele e disse:

— Com você eu posso ser livre. Livre para ser quem eu quiser ser.

Ele não ousou sequer falar uma palavra. Apenas voltamos a nos beijar com mais ardor. Então, minhas mãos procuraram as mãos dele, elas se entrelaçaram como um sinal de total entrega de ambos os corpos. Eu desconhecia aquilo que estava tão latente em mim. Era uma fera que precisava ser domada. Mas a dominação dela, tinha que ser feita pela pessoa certa e, sobretudo da forma certa.

E ele era tudo aquilo que eu estava precisando. Admito que estava há um bom tempo sem sentir aquele turbilhão de sentimentos. Sentia vergonha de gemer, porque, quando começo, fico parecendo uma gata no cio. Mas já tínhamos conversado sobre isso. Ele me dissera que se eu sentisse vontade de gemer alto, eu poderia fazer isso – sem julgamento nenhum –, e aquela frase ecoava dentro de mim, dentro da minha tigresa interior: “eu quero ver e ouvir o prazer em você”.

Assim, ele – de forma habilidosa – se desvencilhou debaixo do meu corpo e foi para cima. Eu sentia o peso dele sobre o meu, mas não ousei reclamar sobre isso porque tinha consciência do que estava prestes a acontecer. Ele começou a beijar minha nuca. Deu umas lambidas nela, o que causou arrepios em meu cuzinho. Começou a beijar minhas costas, mais especificamente a minha coluna vertebral – e isso me fez delirar de dentro para fora.

Ele beijava e passava a língua na região próxima das vértebras.

Era língua na parte direita das minhas costas e beijo nas vértebras cervicais. Depois era língua na parte esquerda das costas e beijo nas vértebras torácicas. Voltava com a língua na parte direita das minhas costas e beijo nas vértebras lombares. Eu já estava quase próximo de suplicar a ele por uma linguada lá no meu cuzinho, mas ele conseguia ler até mesmo meus pensamentos mais profundos. Um pouco envergonhado eu falei:

— Vai devagarinho, tá? Sem pressa. Eu nunca tinha...

Mais uma vez, ele não deixou sequer terminar a frase:

— Relaxe baby, vai ser do meu jeito.

Quando ele falou essa frase, meu cuzinho começou a piscar, mas ele não via porque eu ainda estava de cueca. Era uma sensação de medo do desconhecido – porque não sabia o que a língua dele iria fazer –, mas também uma sensação única de prazer, um prazer que alimentava a minha tigresa interior. Eu não respondi essa frase dele, mas dentro de mim a tigresa rugia: “engano seu, vai ser do meu jeito”.

Com mãos habilidosas, ele levantou meu quadril e, logo em seguida, deslizou as mãos sobre minhas costas. Meu corpo entendeu a mensagem que as mãos queriam passar: era para abaixar todo meu tronco e levantar o máximo meu quadril. Pensei que ele fosse fazer

algo sutil e “morno”, mas foi engano meu. Ele rasgou minha cueca ao meio, deixando meu cuzinho totalmente exposto para ele. Meu cu estava muito excitado, e eu sabia disso. Com a voz um pouco rouca, ele falou:

— Porra... Que delícia! Não sabia que teu cuzinho era vermelhinho assim. Ele tá assim porque sabe que vou dar trabalho para ele. – proferiu dando um tapa na minha bunda.

Mais uma vez, minha tigresa interior respondeu dentro de mim: “ele é vermelho... Vermelho de prazer e vai ficar mais ainda se você chupá-lo todinho”. Eu não entendia por que não consegui dizer essas palavras. Era como se ela se comunicasse com o tigre dentro dele.

Assim que ouvi o barulho do rasgo da minha cueca, eu fiquei um pouco apreensivo, porém deixei ele me conduzir... Fazer tudo o que quisesse com meu cuzinho. Ele sem dó meteu a língua dentro dele; isso me fez estremecer por inteiro. Imediatamente eu soltei um pequeno gemido, ainda tímido. Mas ele deu um tapa na minha outra nádega, um pouco mais forte que o primeiro e voltou a linguar. Não sei como, mas tive a coragem de dizer para ele:

— Sei que você faz muito melhor do que isso!

Ele rasgou mais ainda minha cueca, agora tirando os fiapos que restaram em meu corpo. Mordeu uma das minhas nádegas e chupou com veemência meu cuzinho; o que fez eu soltar um “ai, porra!”

seguido de um gemido ainda mais alto e estridente. Eu não sabia que ele era capaz de fazer isso em mim. Em seguida, ele afastou minhas duas nádegas e deu uma linguada de baixo para cima, o que fez com que minhas pernas ficassem trêmulas e eu urrasse de tanto prazer.

Mas ele não parou por aí. Eu comecei a rebolar na cara dele, e ele começou um movimento de tira e bota a língua em meu cu. Isso me levou ao delírio! Ele tirava a língua, dava um tapa e depois, metia a língua no meu cuzinho. Quando metia, eu gemia mais e mais alto, com mais imponência. Até que uma hora ele conseguiu meter a língua por inteiro dentro do meu cu. Eu gemi tão alto que acho que deu pro motel inteiro ouvir! Foi nessa hora que eu desabei na cama e não consegui mais deixar meus quadris levantados. Ele ainda teve a petulância de dizer:

– O que foi, bebê? Te fiz mal?

Eu levantei minha cabeça, olhei para trás, fuzilei com meu olhar selvagem e disse:

– Não, não me fez mal. Eu só não aguentei sua chupada. Agora é a minha vez!

Foi então que eu o puxei para cima da cama, me revirei. Com uma das minhas pernas eu o enlacei e o derrubei do outro lado da cama. Voltei a montar em cima dele, agora sem dizer uma palavra, beijei os lábios dele e dei uma linguada no queixo, seguida de uma mordiscada. Beijei a nuca dele com vontade de deixar um chupão, mas não era o local apropriado para deixar a marca da minha tigresa.

Então, fui abaixando. Cheguei ao tórax. Dei um beijo no meio do peitoral e, em seguida, mordi um dos mamilos dele, o que fez ele fechar os olhos e morder os lábios inferiores de tesão. Com a minha língua, fui chegando à barriga. Com uma das mãos, apalpei a cueca dele só para sentir o seu volume. O pau dele estava duro como uma rocha. Aquilo era um sinal muito bom para minha tigresa. Ela estava sedenta por aquilo.

Debaixo do umbigo dele tinha uma linha vertical de pelos, era a linha do paraíso que levava até onde eu queria chegar. Tirei a cueca dele usando apenas minha boca. Não usei as mãos porque queria provocar ainda mais. E ele olhou para mim com mais tesão e com um olhar duvidoso questionou internamente: “como ele consegue tirar minha cueca sem usar as mãos?” Quando tirei a cueca, imediatamente o pau dele ficou ereto. Já estava latejando, pedindo por minha boca.

Fui mais atrevido e passei minha língua na virilha esquerda dele. Cheguei bem próximo do pau, mas não chupei. Na região pubiana – que era o local perfeito para deixar minha marca –, eu abri minha boca e deixei um chupão ali. Mas chupei com força mesmo, para ele sentir do que a tigresa era capaz de fazer. Aquilo fez com que ele urrasse de prazer. Tentou se desvencilhar da minha chupada, afastando o corpo dele da minha boca, mas não deixei. Segurei a cintura dele com minhas duas mãos.

Quando eu olhei, a chupada tinha deixado a região bem vermelha, mas com o formato perfeito da minha boca; da boca da tigresa. Na região em cima da

chupada, coloquei quatro dedos meus e apertei com força. Minha intenção era fazer uma pata de tigresa ali, e eu consegui. Mas faltava alguma coisa, e a tigresa me disse: “arranhe ele!” E foi o que eu fiz, assim que deixei a marca da tigresa, eu arranhei levemente aquele local peludo. E ele gemeu de prazer, foi a primeira vez que eu ouvi o gemido do meu tigrão.

Como deixei a marca de quatro dedos, eu chupei quatro vezes o pau dele. Não era pouco, era o suficiente para deixá-lo pedindo mais. Na primeira chupada, eu fui só na cabecinha; na segunda, tentei ir mais profundo um pouco; na terceira, já conseguia chupar até a metade; e, na quarta, chupei o pau dele todo, até o talo. O pau dele dispensa qualquer comentário. Para mim, era a verdadeira arte trazida por Michelangelo. Eu apenas o ouvi dizer:

— Chupa mais um pouco.

Não dei ouvidos a ele. Depois da quarta mamada no pau dele, eu fui chupar as bolas. Chupei cada uma delas sem encostar os dentes. E ele voltou a gemer mais alto ainda. Era isso mesmo que eu queria: fazê-loe gemer de tanto prazer. Eu queria provocá-lo até ele gozar!

Quando eu parei de chupar as bolas, me afastei do pau dele. Ele não entendeu o porquê, mas aproveitei que aquele mastro estava bem duro e montei em cima dele. Foi um pouco difícil de entrar porque era grosso, mas botei a cabecinha primeiro e depois foi encaixando o resto.

Eu gostava daquela posição porque conseguia controlar a penetração.

Como meu cuzinho era um pouco apertado, a cada galopada nele eu via no rosto dele o tanto de tesão que ele sentia. O que me dava ainda mais tesão era o meu suor escorrendo corpo abaixo, até tocar o tórax dele e fundi-lo com o suor dele... Isso era uma alquimia felina descomunal!

Não era apenas sentadas e galopadas naquela pica, era meu sonho sendo realizado com meu macho. Olhei profundamente para a boca dele e não resisti, tive que beijá-lo com força e com desejo de pedir mais e mais sua pica. O suor que estava pingando em meu corpo passara para o dele, e em nenhum momento ele ousou reclamar disso. Não era só meu corpo que estava suadinho, meu cuzinho também estava, e ele ardia de tanto tesão, de tanto desejo acumulado. Foi quando ele me disse:

— Eu vou gozar se você continuar assim.

E eu apenas respondi:

— Você é dono do meu corpo. Comigo você goza onde quiser!

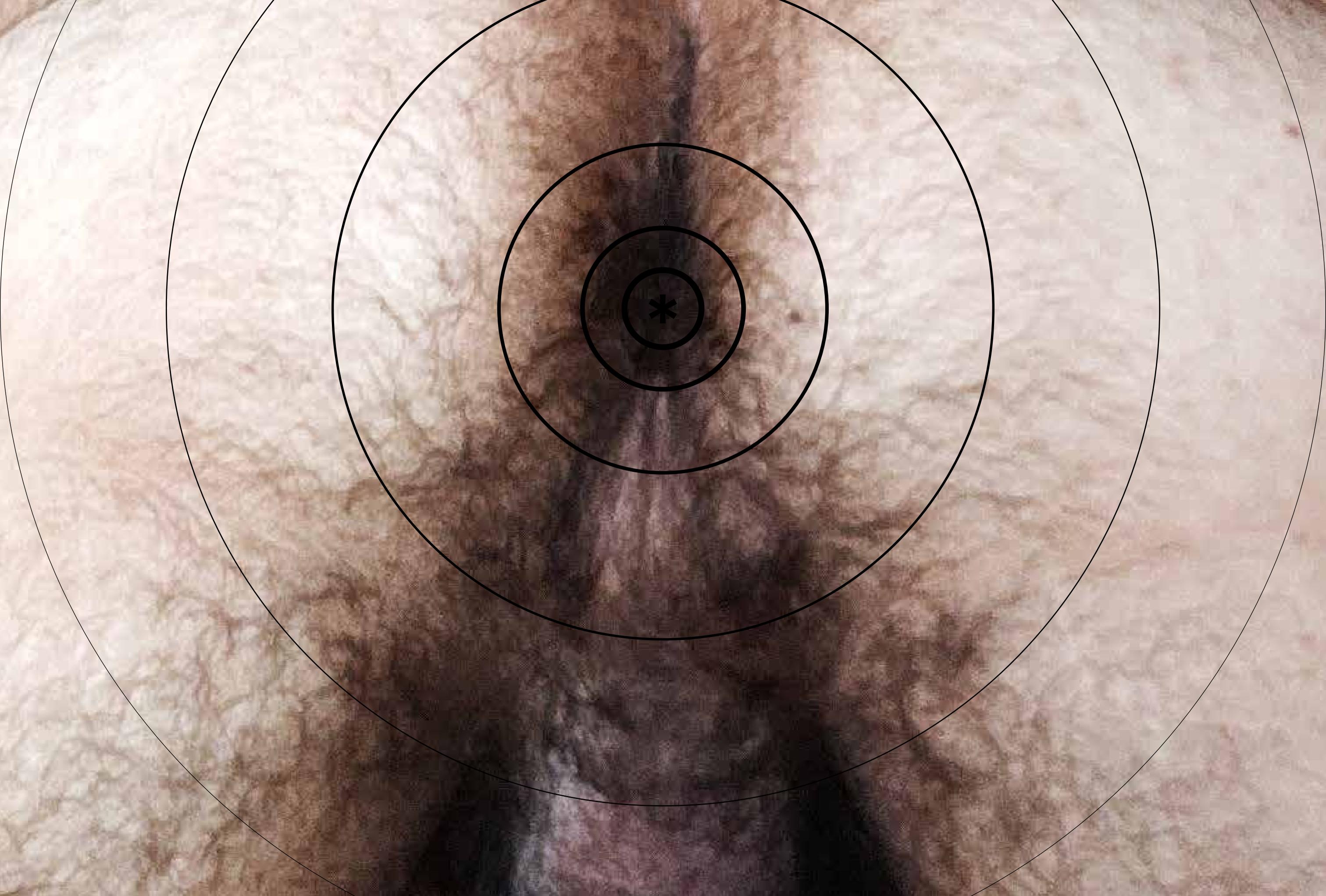
Isso o levou a loucura completamente. Foi quando, em uma galopada ainda mais forte do que a anterior, ele gozou no meu cuzinho. Aquilo era uma sensação única que eu precisava sentir. Uma sensação que eu precisava sentir com a pessoa certa. Não era só um cuzinho encharcado de leite: era o clímax que a tigresa sempre sonhou em ter. E ela se glorificava por conseguir fazer isso.

Com o pau meia bomba dentro de mim, não tirou de imediato. Ele esperou que eu fizesse isso. Mas eu não fiz: deixei o pau dele amolecer e por si só sair de dentro de mim. Sem perder o magnetismo feroz que habitava em nossos corpos, eu caí do outro lado da cama. Ele, de imediato, veio me abraçar ficando de conchinha comigo. Permanecemos nessa posição o resto da noite. Ele adormeceu nessa posição e eu, sentindo a respiração dele no meu cangote, também adormeci.

No outro dia, ele me acordou com uma mamada e daí começamos tudo de novo. Mas todas as vezes que a gente decidia foder, ele sempre inovava e eu gostava daquilo. Seja com um toque diferente, com uma posição nova ou até mesmo colocando plugs anais em meu cuzinho. O prazer pelo novo e toda a aptidão sexual que ele tinha fazia alimentar minha tigresa de forma única.

Demorei para perceber isso, mas com o tempo, percebi que a tigresa não precisava ser dominada por ninguém. Ela apenas precisava de um tigre para saciar os desejos vorazes dela. Um felino que estivesse à altura dela, que fosse capaz de apagar esse insaciável fogo no cu. Não era um jogo de dominação entre dois homens, muito menos um sexo rotulado em “ativo” e “passivo”. Era um acasalamento entre dois felinos; dois animais selvagens que em suas incertezas se compreendiam e se desejavam muito bem.







FALD

ISSN 2675-018X
falonart@gmail.com

